





**Fadário de uma
mulher resoluta
e íntima
das águas
e
das falas
amazônicas**

percurso de uma
trajetória acadêmica

Prefácio

A História dela já é poética!

Mulher! Afro-descendente! Jurunense! Da periferia de Belém, do Pará, amazônica, mundiada, do mundo, da vida, da acolhida, da cultura cosmogônica, universal !

Nem obstáculos, batalhas, desafios fizeram quem veio ao mundo com o intenso desejo de estudar e nasceu Regina e porta a Cruz, de ser completamente viva, alegre e feliz, permeada de som musical performático da palavra soberana, real, ígnea, integral, invocada e convocada:

Regina Célia Fernandes Cruz.

A cor negra demais no coração, peles, membranas, o sexo e a utopia feminina.

Carne, osso, emoção !

Afagos, há fogo fátuo verdadeiro.

Sensível vontade plena de ser.

Correu mundo, gentes! Conheceu pessoas, situações, lugares.

Foi pioneira.

Estudou em escola pública.

Tem estampa e estampado no rosto a devoção ao conhecimento.

Usa braçadeira e tornozeleira ao modo do aprender saber de uso contínuo e livre que jamais retira.

Fez escolhas e sublinha:

Não sou linear. Sou pesquisadora!

Minhas atitudes e filosofias escancaradas nos detalhes da minha vida pessoal, vinculadas à vida na academia.

Educadora!

Formadora!

A professora das professoras!

Aqui, os fatos neste memorial de quem gosta de estudar, compreender, conhecer, perquirir, saber, lecionar, de ensinar.

Oriunda de família de operários da classe trabalhadora do cotidiano popular, é consciente de que escolheu a profissão certa: o magistério e seus mistérios!

Adora viver a vida porque sabe que é do amor e do amar o outro que provêm a eterna juventude!

E para conseguir o topo da carreira de 30 anos de seu magistério superior na UFPA, com dedicação exclusiva, que começou em 1995, orgulhosa dessa sua vitoriosa, linda e árdua conquista de vida acadêmica, diz que agora vai mostrar:

A narrativa da minha trajetória! Pois quando finda a tempestade, o sol nasce!

Salomão Laredo, escritor paraense e cametaense da Vila do Carmo.¹

Belém, 03 de novembro de 2020

¹ Facebook: <https://www.facebook.com/salomaolaredo23/> - Instagram: @salomao.laredo

Introdução

Desde que me tornei professora universitária em 1995, vejo-me agora tendo a incumbência de escrever sobre o meu percurso acadêmico e profissional de docente e pesquisadora pela primeira vez². Relembrando todo o caminho que percorri até chegar aqui, percebo que enfrentei muitos obstáculos (adianto, não intransponíveis), travei muitas batalhas (nunca desamparada), aceitei muitos desafios (sempre enriquecedores), ou seja, nada fora fácil para mim. Por outro lado, dou-me conta de que fui pioneira e desbravadora em várias conquistas, conheci muitos lugares, fiz muitos amigos (e inimigos também), mas principalmente, ocupei um espaço profissional de sucesso com visibilidade nacional e internacional, posição lamentavelmente incomum entre as mulheres negras nascidas e criadas na periferia de Belém (sim, eu sou do Jurunas!!!), oriunda de uma família de classe trabalhadora, de cor negra, estudei em escola pública, diga-se de passagem, em uma época em que não existia o sistema de cotas sociais. Ao final de tudo, tenho muito orgulho das minhas escolhas, atitudes e filosofia de vida adotadas, mas, principalmente, tenho orgulho das histórias por mim protagonizadas, que, do meu ponto de vista, constituem a razão da nossa existência e são o que fica de nós quando não mais estamos neste plano.

Estruturado em uma narrativa não linear, este memorial é formado por memórias e fatos selecionados que podem mexer com as emoções do leitor, entretanto, espero que, ao final de sua leitura, eu o convença de que cumpri meu papel social de formadora de recursos humanos para uma

² Incrível que eu atrasei o pedido de Concurso para Titular, porque eu não queria fazer um memorial, mas sim uma nova Tese. Relutei para escrever esse memorial pelo simples fato de que não queria tornar público os detalhes da minha vida pessoal diretamente relacionados à vida acadêmica. Entretanto, durante a sua escrita, foi possível me dar conta de quanto a trajetória da minha vida acadêmica, que culminou com esse momento, foi linda e da qual só tenho a me orgulhar.

região tão carente como é a Amazônia e que soube honrar minha função de educadora, exercendo a profissão de professora com responsabilidade e compromisso em uma IES³, que, sob certa medida, é marcada, como tantas outras, por carências de logística e infraestrutura.

³ Instituição de Ensino Superior.

O Gosto pelos estudos, o destino traçado desde cedo

É aqui que tu vais estudar!

Até hoje ecoam dentro de mim estas palavras!

E a saudade que tenho.

Puxada pela santa francesa Terezinha de *Lisieux*, das rosas e pelo Papa Pio X, que incentivou as crianças à mesa da comunhão, no Jurunas.

E Levindo, meu pai, motorista de ônibus, verdadeiro artista, ensinou-me que a revolução sexual da mulher começa com a independência financeira que permite a independência feminina através da leitura, do estudo, na luta dos movimentos populares e pelo caminho das letras, fui para a Linguística saber da linguagem, humana, para manter o ensino público e gratuito que é o caminho da liberdade!⁴

Se há algo que guardo até hoje na memória é a felicidade que tinha no convívio escolar e o gosto natural pelos estudos. Apesar de não ter nascido no seio de uma família com tradição de letramento, tenho lembranças lindas da minha infância escolar, com meu pai lendo o hino nacional para mim como forma de me incentivar a leitura, da companhia da minha avó durante os deveres da escola, pronta a me tirar qualquer dúvida para que eu concluísse com sucesso a tarefa escolar. Curiosamente, eu era a única em casa que sabia que minha avó, Cândida dos Santos Fernandes, era alfabetizada. Até hoje não sei a razão pela qual ela escondia esse segredo de todos. Por ter me marcado tanto esse fato, dediquei minha tese de doutorado (CRUZ, 2000) a ela com a seguinte frase: *A ma grand-mère qui m'a avoué son grand secret : qu'elle savait lire et écrire. Et qui est la responsable des plus beaux souvenirs de ma vie scolaire.*

⁴ Salomão Laredo

Ao redigir este memorial me dou conta do quanto sinto sua falta e de como até hoje não superei a saudade que tenho dela ...

Quando criança era costume eu acompanhar minha avó às missas na Igreja de Santa Terezinha. Anexa à igreja havia, e ainda há até hoje, uma escola que funciona em regime de convênio com a rede estadual, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Pio X. Ainda é muito nítida na minha lembrança, uma manhã muito especial de domingo da minha infância, deveria ter seis anos, pois foi com esta idade que iniciei a educação básica. Ao terminar a missa, minha avó me pegou pela mão e não se dirigiu para a porta de saída da igreja, como de costume, mas fomos em direção a um portão que permitia o acesso da igreja para a quadra da escola. O portão estava aberto, ela me levou até o centro da quadra de esportes da escola, nos posicionamos em um ponto que nos permitia ter uma visão geral da escola e neste momento me disse: - *É aqui que tu vais estudar!* Hoje tenho a impressão de que minha avó tinha a plena consciência de como os estudos fariam toda a diferença na minha vida.

Também tenho boas lembranças do meu pai, Levindo dos Santos Cruz, contribuindo para o sucesso da minha vida escolar. Meu pai era um homem de gestos incríveis, demonstrando toda a sua responsabilidade com a instrução dos filhos. Apesar de ter visto muito pouco meu pai em casa, porque ele saía muito cedo pra trabalhar, por volta de 5 h, e voltava muito tarde, perto de 23 h, sempre que eu precisava de sua ajuda nas tarefas escolares, ele prontamente me ajudava. Sua jornada de trabalho era muito exploradora. Motorista de ônibus, penso hoje que, por medo de ficar desempregado, nunca vi meu pai de férias e sempre que possível vendia seus dias de folga. Apesar de sua pouca instrução, ele tinha um conhecimento de mundo e uma psicologia eficaz na criação dos filhos. Ele faleceu há mais de 30 anos, não deixou herança material alguma para nós,

mas valores morais e éticos incalculáveis, de fato, o maior legado que um ser humano pode deixar aos seus descendentes.

Com Levindo, aprendi a valorizar e gostar do trabalho, entendi ainda menina que o melhor projeto de vida para uma mulher é uma carreira profissional sólida e consolidada que lhe permita independência financeira. Acho que por ouvir repetidamente a importância da independência feminina, priorizei minha carreira profissional. Acabei pagando um preço alto, pois os homens, principalmente de uma sociedade machista e patriarcal como a brasileira, veem mulheres como eu muito mais como uma ameaça do que como uma potencial companheira, mas não me arrependo. Tenho orgulho de ser dona das minhas escolhas, acertadas ou não, e de não confiar a própria felicidade nas mãos de outra pessoa.

Lembro-me nitidamente que ainda no 2º ano do 2º grau⁵, correspondente ao ensino médio atual, em 1981, eu decidira que não poderia ter namorado, porque se eu quisesse ser aprovada de primeira vez ao prestar vestibular, precisaria me dedicar e concentrar nos estudos, uma vez que no ano seguinte eu deveria cursar o último ano do 2º grau e concomitantemente frequentar um cursinho preparatório de vestibular. E assim, sem motivo clássico, e mais comum para o rompimento de um namoro de adolescência, dei fim ao meu namoro da época, para me dedicar ainda mais aos estudos e ter como única meta minha aprovação no vestibular de 1983, como de fato ocorrera. A minha maior preocupação era não decepcionar meu pai, nem permitir que seus esforços em garantir condições de estudos para mim fossem em vão.

A partida prematura de meu pai, em 8 de fevereiro de 1990, tão jovem com 45 anos, foi um choque para mim e deixa saudade até hoje. Sua presença na minha vida foi decisiva para eu chegar aqui, além do que já

⁵ A lei que regia o sistema educacional brasileiro na época era a 5.692/71.

narrei acima, lembro-me da sua ajuda com os trabalhos manuais extraclasse que nunca conseguia fazer sozinha, pois sempre tive dificuldade com desenho, pintura, colagem, recorte e por aí vai, ele pacientemente fazia para mim, parecia um verdadeiro artista, me ajudava a montar os trabalhos mais bonitos de toda a turma. Lembro-me de quando ele se demitiu voluntariamente para conseguir um acordo com o seu patrão e assim ter uma indenização que lhe permitisse comprar meus livros do meu primeiro ano na universidade. Foi desta forma, com mais um sacrifício de meu pai, que iniciei minha biblioteca particular.

Quando me aproximei da etapa de fazer vestibular, tive que fazer um cursinho preparatório particular, como já mencionado, porque havia feito magistério no 2º grau. O ensino da época era regido pela lei 5.692/71, que mudou a organização do ensino no Brasil para ensino de 1º e 2º graus. O governo militar havia instituído essa reforma tendo como um dos objetivos tornar o 2º grau altamente profissionalizante. O aluno, portanto, receberia ao fim do nível um certificado de habilitação profissional. No meu caso, me formei professora normalista de ensino básico pelo Instituto de Educação do Estadual do Pará⁶. Na concepção da proposta, uma certificação profissionalizante, ao fim do 2º grau, evitaria uma corrida em massa às universidades. Para aqueles que desejavam obter uma formação de nível superior, o sistema de ensino público da época não favorecia, pois o conteúdo das disciplinas era direcionada para obtenção de uma formação profissionalizante e era totalmente desconectado do conteúdo cobrado nas provas de vestibular.

Apesar de o ensino normalista não abordar os conteúdos de Química, Física, Matemática, Biologia, cobrados nas provas dos vestibulares das universidades, outras disciplinas totalmente novas, que passei a estudar pela primeira vez, me encantaram e me fizeram gostar ainda mais da vida

⁶ IEEP.

escolar, assim, com as disciplinas de Sociologia, Psicologia e Filosofia, em cada aula era uma descoberta de algo totalmente novo, como a teoria do bom selvagem, de Rousseau, e o papel do movimento feminista no empoderamento da mulher. Com 15 anos, no 3º ano do curso, li a *Revolução Sexual da Mulher*, de Rose Marie Muraro⁷, para me preparar para um seminário.

Adorava ainda mais as provas, do tipo dissertativas, o ponto máximo era garantido pelo poder de argumentação, de convencimento da resposta e da adequação do uso das teorias aprendidas na defesa do seu ponto de vista, não tinha que decorar um nome ou uma data em particular, mas saber argumentar. Simplesmente apaixonei-me por esse tipo de avaliação. Consequentemente passei a valorizar mais as aulas de português e ver sentido nas regras gramaticais, passei a entender a utilidade de dominar as regras normativas como instrumento favorável à elaboração de respostas convincentes. Passei a redobrar meus cuidados em relação à forma como eu escrevia meus textos e respostas. Os cuidados passaram a ser mais redobrados quando cheguei ao último ano do IEEP. Já decidida a prestar o vestibular para Letras, tinha consciência de quanto as provas de língua portuguesa teriam um peso muito grande na minha aprovação. No último ano, eu tinha tanto interesse pelas aulas de português que eu me sentava bem na frente para não perder nada da explicação da professora Eurídice e tentar isolar-me do barulho ambiente. Eu penso que a professora havia notado meu interesse pelas aulas dela, porque quando eu a encontrei na secretaria do Instituto, para os preparativos da colação de grau do magistério, de longe ela me parabenizou e fez um gesto de vitória com as mãos. Percebi que ela estava contente comigo, mas não entendia a razão. Na oportunidade, encontrava-me acompanhada da minha colega de turma e amiga até hoje, Ana Telma Monteiro, da Universidade do Estado do Pará

⁷ MURARO, Rose-Marie. **Libertação sexual da mulher**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1970.

(UEPA), então resolvi perguntar-lhe, porque a professora estava me parabenizando e parecia muito feliz ao me ver. Ana foi logo dizendo: - *Eu contei para ela que tu passaste em Letras na Federal.*

Figura 1 - Único registro da minha aprovação no Vestibular de 1983 com Marina Costa (aprovada para o Curso de Biologia da UFFA) durante o trote no nosso bairro de origem, o Jurunas. A amizade continua nos dias de hoje. A outra foto foi feita durante uma atividade que mantemos em comum, as danças circulares, duas vezes por mês no Polo Joalheiro. Ambas as fotos foram presentes de Regina Daibes, outra amizade mantida desde a adolescência.



Fotos: Acervo Regina Daibes

A aprovação somente foi possível, porque eu fiz, como a maioria dos candidatos, um curso preparatório para poder fortalecer as chances de aprovação no vestibular, na época único processo seletivo para entrada no nível superior, uma vez que os processos seletivos de acesso às universidades cobravam conteúdos gerais e de todas as disciplinas. Com a Lei n. 5.692/71, a formação geral, antes oferecida por meio do secundário

(que podia ser clássico ou científico), perdera espaço⁸. Não me cabe aqui fazer qualquer análise crítica sobre o funcionamento do ensino na época, apenas é oportuno registrar a causa de eu ter feito um curso preparatório em um estabelecimento de ensino privado para o ingresso no ensino superior.

Gostaria de reforçar essa informação, porque atualmente, os alunos de baixa renda contam com muitas iniciativas de cursinhos populares que podem cursar dentro de suas possibilidades. Eu mesma participei de um, o Movimento Popular do Jurunas⁹, MEP, coordenado por meu amigo, historiador e professor Leopoldo Júnior (UEPA).

O MEP, cadastrado na Uepa com o título *Projeto de Educação Popular - Cursinho Pré-Vestibular Jurunas*, iniciou em 2018, tendo como público-alvo jovens e adolescentes de baixa renda moradores do bairro do Jurunas e adjacências. Seu principal objetivo é preparar jovens e adultos das classes populares moradores do bairro do Jurunas e adjacências para ingressar no ensino superior. Com uma proposta diferente dos cursinhos de forma geral, o MEP foi planejado de forma a também realizar atividades que desenvolvessem o senso crítico de seu corpo discente para compreender seu papel como agente transformador do bairro e da sociedade.

O MEP conta, para a realização de suas atividades, com o apoio de vários parceiros envolvidos, além da Uepa, a instituição promotora, escolas públicas do bairro¹⁰, instituições de ensino privada, colaborando com doação de material; editoras que doam kits didáticos; as agremiações do

⁸ Fonte: www12.senado.leg.br

⁹ Para conhecer um pouco mais do MEP, visitar a página no Facebook: <https://www.facebook.com/mep.jurunas>.

¹⁰ Em seu primeiro ano, 2017, funcionou nas dependências da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Camilo Salgado, em seus anos posteriores, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Placidia Cardoso.

bairro do Jurunas, em particular, o Rancho não posso me amofiná e a Sociedade Beneficente São Domingos, que sempre cederam seus espaço físico para eventos do projeto. O curso pré-vestibular chegou a ser objeto de matéria jornalística em canais de tevês da cidade de Belém, como a TV Cultura, o SBT e a TV Liberal. De fato, ele compreende uma reedição de uma ação educacional que teve suas origens na década de 1980, quando os seus idealizadores ainda eram graduandos. Em 2017, seus idealizadores perceberam a necessidade de fazer seu resgate perante a comunidade jurunense e foi assim que eu tive a oportunidade de participar de uma ação social para meu bairro de origem, colaborando diretamente para o aumento de ingressos das classes populares no ensino superior.

O MEP é apenas um exemplo dos inúmeros cursinhos populares que contribuem para facilitar o acesso ao ensino superior de adolescentes e jovens de classe baixa. Oportunidade que eu não pude contar na época, e por isso tive que concorrer a um concurso de bolsas em um cursinho preparatório da rede particular de Belém. Consegui na época uma bolsa parcial.

Temerosa em não ser aprovada na primeira tentativa, estudei muito no meu último ano do 2º grau. Precisava dar conta tanto do meu curso de magistério quanto garantir a entrada no curso de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA). Sem tempo para vida social, dediquei-me exclusivamente aos estudos. Cheguei mesmo a ficar muito doente no início do segundo semestre de 1982, o que me fez diminuir um pouco o ritmo dos estudos. Meus esforços não foram em vão: consegui meu duplo objetivo, concluir no tempo previsto a minha formação, obtendo o diploma de normalista, e ser aprovada “de primeira” em um curso superior de uma universidade pública. Passei entre os dez primeiros colocados para o curso no vestibular de 1983.

Cursei Letras de 1983 a 1987, em dupla habilitação, Licenciaturas em Língua e Literaturas Portuguesas e Língua e Literatura Francesas. A Licenciatura em Língua Portuguesa foi concluída no 1º semestre de 1987, mas a Licenciatura em Língua Francesa foi interrompida, quando optei pela capacitação em nível de mestrado no 2º semestre de 1987.

Os anos da graduação foram determinantes para me tornar no futuro professora e pesquisadora da área de Letras.

Apaixonei-me já na primeira semana de aulas pela Universidade. Foi uma paixão tão forte que cheguei a dizer para mim que nunca mais deixaria aquela ambiente acadêmico. Entrei na universidade com 16 anos, em plena adolescência, apaixonada pelos estudos, com tempo integral para minha formação em nível superior, logo os conceitos altos eram muito comuns nas provas. Entretanto, uma disciplina chamou a minha atenção: Linguística.

A primeira prova do primeiro nível de Linguística foi também o primeiro Insuficiente que obtive em uma prova, o que me fez refletir sobre meu método de estudo. O conteúdo era totalmente novo para mim, mas extremamente desafiador e interessante. Passei então a me dedicar às aulas de Linguística muito mais do que das outras disciplinas. Fiquei ainda mais fascinada pela área quando descobri que se tratava de uma ciência. A única que tem por objeto de estudo a linguagem humana. Portanto, desde o primeiro semestre do curso, já tinha definido minha preferência pela Linguística, o que culminou com a escolha do tema do meu trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado *A fala dos canoeiros do Ver-o-Peso*, realizado sob a orientação do professor Dr. Joaquim Nepomuceno de Oliveira Neto, hoje professor aposentado da UFPA.

Acabei elegendo um objeto de estudo da área da Sociolinguística, a variedade falada pelos barqueiros do interior do Pará que vinham comercializar peixe na feira do Ver-o-Peso, dando enfoque para a descrição

das características fonéticas e fonológicas da variedade-alvo. Foi também meu primeiro trabalho de campo, realizávamos a coleta de dados nos domingos à tarde no Ver-o-Peso. Éramos uma equipe de quatro alunas. Uma delas teve a iniciativa de convidar a professora Dra. Alzerinda de Oliveira Braga, na época concluinte e uma aluna de destaque do curso, para nos ajudar nas primeiras abordagens com os barqueiros de forma a conseguir gravações com sucesso. Jamais poderia imaginar que pouco tempo depois viríamos a nos tornar colegas de “república” em Campinas, quando de minha passagem pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e alguns anos depois colegas de trabalho na Faculdade de Letras da UFPA. Apesar de termos contado com o assessoramento da professora Alzerinda e as orientações do professor Joaquim, depois da coleta de dados concluída, enfrentamos uma greve demorada das universidades brasileiras. De tal forma que fomos obrigadas, na época, a elaborarmos nosso TCC em casa e sozinhas, uma vez que a universidade encontrava-se fechada e todas as atividades suspensas por conta da greve.

Figura 2 - Capa do manuscrito do meu TCC (TRINDADE, 1986).

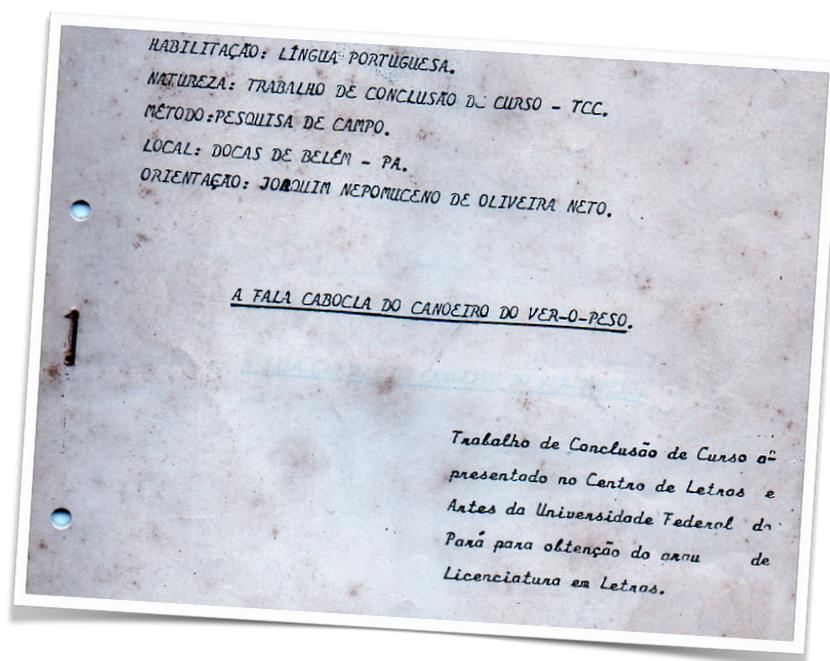


Foto: Acervo pessoal Regina Cruz

Aliás, na década de 80 do século passado, as greves em todos os setores produtivos do país eram muito comuns e recorrentes, pois, bem diferente do que alguns políticos admiradores do período da Ditadura Militar no Brasil pregam, o país tinha uma economia fraca, a inflação era galopante, o salário-mínimo não permitia condições dignas de sobrevivência para ninguém, e as categorias profissionais eram obrigadas a recorrer a greves se quisessem ter algum aumento salarial. Entretanto, as greves não tinham somente objetivos monetaristas, foram graças a elas que, no caso específico da educação superior, conseguiu-se manter até os dias atuais universidade pública e gratuita para todos, uma vez que o desejo de privatização das universidades federais não é de hoje.

Meu TCC foi na área de Fonética, mas quando prestei seleção para o Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), eu escolhi a área de Linguística Aplicada, uma escolha natural para quem acabava de concluir uma licenciatura em Letras. Mas eis que a área de Fonologia me traz novamente para perto da investigação da estrutura sonora da linguagem humana.

Antes de ter decidido por cursar o mestrado, jamais havia pensado em ser pesquisadora. Foi justamente no curso que a pesquisa entrou na minha vida para nunca mais sair.

O interessante é que da mesma forma que eu escolhi Letras sem ter nenhuma motivação explícita e clara para mim, eu fui fazer o mestrado com um objetivo totalmente diferente do atingido por mim quando de sua conclusão.

No 1º semestre de 1987, período que antecedeu a minha colação de grau na Licenciatura em Língua Portuguesa, eu tinha muitas responsabilidades profissionais: a) professora na Aliança Francesa; b) professora de educação básica em uma escola pública da rede municipal

de Belém; e c) orientadora de ensino religioso da Secretaria de Educação do Estado do Pará (Seduc-PA). Por conta de tantos compromissos, e ainda a graduação em Letras, acabei tendo um esgotamento físico muito grave que levou o médico a me aconselhar a diminuir o ritmo de trabalho. Decidi considerar o conselho e pensei que o melhor seria ter um único emprego que me possibilitasse uma dedicação maior ao magistério e uma remuneração mais gratificante. Motivada para ter um único local de trabalho e um salário mais atrativo, fui em busca de processos seletivos de programas de pós-graduação para cursar um mestrado.

Duas condições me ajudaram muito nessa seleção: a) o fato de falar francês com fluência, pois já estudava desde os 14 anos na Aliança Francesa; e b) o tema do meu TCC.

Quando decidi por prosseguir minha formação em nível de pós-graduação, eu estava movida pelo desejo de ser uma professora da educação básica bem capacitada, independente profissionalmente e que pudesse ter a opção de escolher um emprego que oferecesse um salário bem vantajoso. Meu sonho era trabalhar em uma única escola e ter um salário digno de uma professora com uma excelente formação, pois estava cansada de ficar correndo entre as escolas do estado (eu era funcionária da Seduc-PA), do município (professora de uma escola da Semec, a Secretaria de Educação do Município de Belém, no Jurunas) e as aulas na Aliança Francesa (e também professora de francês). Não fazia parte dos meus planos me tornar professora do ensino superior e muito menos de uma universidade federal.

Neste mesmo ano de 1987, o atual Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UFPA, na época denominado Curso de Mestrado em Letras (CML) tinha iniciado suas atividades. Para fazer o mestrado em Belém, deveria esperar dois anos, pois era o prazo determinado pela Capes

(Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação) para a abertura de uma segunda turma.

Desanimada com o fato de adiar meu ingresso no mestrado, fiquei sabendo por acaso que o Departamento de Pós-Graduação da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (Propesp/UFPA) destinara cotas de bolsa de pós-graduação do tipo PICDT (Programa Institucional de Capacitação Docente) para recém-graduados que obtivessem aprovação em programas de pós-graduação conceituados pela Capes.

Como tudo parece indicar que o universo conspira a nosso favor para realização da nossa missão de vida, quando decidi por prestar uma seleção de mestrado, o fato de a UFPA ter optado por incluir no perfil de seus candidatos às bolsas PICDT-Capes, recém-graduados de áreas carentes de recursos humanos me foi altamente favorável. Não me lembro ao certo como fiquei sabendo que a vice-direção do Centro de Letras e Artes (CLA), hoje Instituto de Letras e Comunicação (ILC), estava encarregada de prestar as orientações aos candidatos interessados. Neste momento, entra na minha vida a Profa. Dra. Leopoldina Maria Souza de Araújo, hoje aposentada da UFPA.

A professora, na época vice-diretora do CLA, foi justamente quem me ajudou a decidir por prestar a seleção do Programa de Linguística da UFSC. Ela tornou-se um verdadeiro anjo da guarda para mim durante o meu percurso inicial dos meus estudos de pós-graduação e na pesquisa. Foi quem aceitou ser a supervisora do meu projeto de pesquisa que compôs o dossiê de candidatura a um pedido de bolsa de pesquisador DCR¹¹-CNPq¹², aprovado com sucesso em 1992; não se limitou a ser uma supervisora no papel, mas acompanhou, de fato, toda a execução do meu

¹¹ Desenvolvimento Científico Regional.

¹² Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Ministério da Ciência e Tecnologia.

projeto de pesquisa¹³; foi durante muito tempo, até se aposentar, minha principal interlocutora na UFPA. Sobre sua importância em minha trajetória acadêmica, deixo que ela mesma fale:

“Conheci a Professora Regina Cruz, em 1987, quando, como Vice-Diretora do então Centro de Letras, Artes e Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA) fui incumbida de orientar alunos interessados em montar o dossiê de candidatura a Programas de Mestrado. Tendo eu mesma feito meu Mestrado em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sugeri-lhe aquele Programa cuja qualidade já se destacava, oferecendo, ao mesmo tempo a possibilidade de desfrutar de uma vida menos dura do que a de grandes centros.

Desde esse primeiro contato, vi-me diante de pessoa de forte personalidade e determinação, que se confirmaram ao longo do tempo em que com ela convivi, enquanto professora de Linguística. De fato, ela foi aprovada na seleção e de 1988 a 1992 fez o curso e apresentou a Dissertação, resultado de pesquisa desenvolvida com pescadores, na cidade de Cametá/PA, no baixo Tocantins, sob orientação do linguista belga Dr. Jean-Pierre Angenot, então professor da UFSC. Em 1992, apresentou ao CNPq Projeto no Programa de Desenvolvimento Científico Regional (DCR), desenvolvendo pesquisa na mesma cidade, desta vez com os quilombola, projeto que só foi interrompido quando, aprovada em concurso, na UFPA, começou a lecionar Linguística, em 1995. Em 1996, aprovada no Programa de Doutorado da Universidade de Provence, foi para Aix-em-Provence/França, onde concluiu o doutorado em 2000, sob a orientação do Dr. Daniel Hirst, trabalhando o acervo construído durante sua Bolsa DCR. O percurso da Profa. Dra. Regina Cruz evidencia, pois, seu foco e competência, no campo da Fonética Acústica, estudando uma das variantes regionais do estado do Pará.” (Leopoldina Araújo, professora aposentada da Universidade Federal do Pará, 1/11/2020, 21h35).

Tudo na seleção me foi favorável. As etapas compreendiam análise da proposta de trabalho na área escolhida e do CV do candidato, prova escrita de tradução de um texto da língua estrangeira escolhida para o português e entrevista.

O fato de eu não ter registro de nenhum tipo de produção acadêmica, nem mesmo apresentação de trabalho em evento científico, de

¹³ *Descrição fonética e fonológica da fala dos negros remanescentes de quilombos de Cametá.*

nunca ter sido bolsista de Iniciação Científica (IC) nem de ter feito uma especialização foi totalmente suplantado pelo fato de eu ter na época concluído meu curso de Letras com 21 anos. Uma recém-graduada, bem jovem, era justamente o que priorizava o Programa de Linguística da UFSC nesta seleção.

A única prova escrita, uma tradução de um texto sobre a teoria dos neogramáticos do francês para o português, foi feita por mim sem auxílio de dicionário. Meu futuro orientador estava aplicando a prova, esse fato já chamou a atenção dele sobre mim.

A área escolhida por mim, Linguística Aplicada, para obtenção de uma formação em nível *stricto sensu* tinha uma demanda muito superior à oferta. Esse seria um obstáculo bem difícil a ser suplantado na seleção, mas eis que um anjo aparece na espera para a entrevista e me mostra a solução.

Durante a espera para ser entrevistada, acabei conhecendo Ronaldo Lima, hoje professor do corpo docente do curso de Língua Francesa da UFSC, que seria depois meu colega de turma de mestrado, muito simpático, entabulamos uma conversa muito agradável. Cheguei a falar do meu TCC pra ele. Ao se despedir, pois havia chegado a sua vez na entrevista, ele me deu um conselho. Alertou-me que a área de Linguística Aplicada que havia escolhido era muito concorrida e avisou-me igualmente que seria entrevistada por um dos maiores fonólogos no Brasil e também grande africanista, com certeza, ele deveria já ter se interessado pelo meu TCC, por isso seria meu entrevistador. Ao final, veio o conselho: se ele me propusesse a mudança de área para a Fonética e Fonologia, eu deveria considerar, porque era área que mais tinha vaga sobrando.

E assim o fiz! No momento em que Jean-Pierre Angenot (1940-2018)¹⁴, que acabou se tornando meu futuro orientador de mestrado, fez elogios ao meu TCC e perguntou se eu aceitaria mudar de área de pesquisa e continuar com um trabalho na área de Fonética ou de Fonologia, não hesitei e aceitei na hora. Mais uma vez, meu TCC em Fonética e Fonologia conquistou mais a banca do que a carta de intenção em executar um projeto em Linguística Aplicada. E assim fui levada para outra área.

Como se pode notar, eu fui quase que empurrada para a área de Fonética e Fonologia, começou com a dedicação dobrada que deveria ter para dominar o conteúdo dos níveis de Linguística durante a graduação, depois a escolha do tema do TCC, culminando com a aprovação na seleção do mestrado na UFSC.

Figura 3 - Com Fábio José Rauen¹⁵, Anna Christina Bentes¹⁶ e Luciene Espíndola¹⁷, turma de 1988 Mestrado em Linguística UFSC. O registro foi feito no XXIX Enanpoll realizado na UFSC (2014).



Foto: Acervo particular Luciene Espíndola.

¹⁴ Jean-Pierre Angenot faleceu aos 78 anos.

¹⁵ Professor da Universidade do Sul de Santa Catarina.

¹⁶ Professora da Universidade Estadual de Campinas.

¹⁷ Professora da Universidade Federal da Paraíba.

Definida a área de atuação, eu precisava delimitar ainda mais meu objeto ou, pelo menos, o tipo de abordagem a ser feita, mas não me encontrava motivada a investir em um abordagem formalista da estrutura sonora da linguagem humana muito menos eleger um fenômeno segmental para compor o objeto de estudo da minha dissertação. Eu sabia o que eu não queria, mas não tinha claro na minha mente o que de fato eu queria como objeto de estudo para uma dissertação de mestrado. Até que a Prosódia apareceu na minha vida.

A escolha por essa área de estudo foi decisiva depois de ter ouvido uma palestra de Maria Helena Mira Mateus (1931-2020), no primeiro semestre do mestrado, em 1988, quando de sua vinda ao Brasil para o I Congresso de Fonética e Fonologia em João Pessoa (PB). Jean-Pierre Angenot conseguiu que ela fosse visitar o Programa de Pós-Graduação da UFSC e que nos presenteasse com uma iluminadora palestra sobre Prosódia. Ao terminar de ouvi-la, eu disse: - *Esta é área na qual quero trabalhar o meu tema de projeto de Dissertação de Mestrado.* Anna Christina Bentes (Unicamp), minha colega de turma e conterrânea, sugeriu-me então fazer um 1/3 dos créditos no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Unicamp, pois, com certeza, eu teria um contato maior com pesquisas na área de Prosódia. E assim o fiz.

No primeiro semestre de 1989, cursei meus créditos no Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Fui com a intenção de conhecer de perto o trabalho de Maria Bernadete Abaurre, hoje aposentada dessa universidade, mas acabei ficando mais próxima de Luiz Carlos Cagliari, hoje professor colaborador voluntário do Departamento de Linguística da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus Araraquara, cujas aulas eram apaixonantes. Tive a sorte de, no primeiro semestre de 1989, o professor Luiz Carlos Cagliari oferecer um curso prático de produção e transcrição dos sons da fala. Éramos uma

turma pequena, acredito que, no máximo, dez alunos, mas todos muito interessados e dispostos a aproveitar tudo o que nos era repassado pelo primeiro foneticista do Brasil.

Figura 4 - Anna Christina Bentes, Nádia Pires e eu (entre as duas nas fotos) reencontro em Belém depois do retorno do mestrado (1993). A outra foto foi feita em Lisboa (2009) no retorno do II SIMELP¹⁸ realizado na Universidade de Évora (Portugal).



Fotos: Acervo pessoa Regina Cruz

Cagliari, em sua formação doutoral, conviveu com ilustres foneticistas, como David Abercombrie e Peter Ladefoged, ministrava as aulas com autoridade, muita propriedade e facilitava ao máximo o acesso às noções de Fonética, de forma que era impossível não aprender nas suas aulas. Tínhamos tanto prazer nas aulas que não saíamos da sala nem para o intervalo, cada aula, um aluno ficava responsável de levar um lanche para toda a turma, o que nos permitia ficar juntos a tarde toda nos dias de aula de Fonética.

¹⁸ Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. <<https://arquivo.pt/wayback/20170222133146/http://www.simelp2009.uevora.pt/apre.htm>>

Uma colega de mestrado, que cursava outra disciplina no mesmo dia e horário, me confidenciou que os alunos das outras turmas ficavam curiosos em saber como estudávamos, porque eles nos ouviam produzir os sons como se estivéssemos em um coral, mas ouviam risadas, eles percebiam que eram aulas diferentes e gostosas. Foi cursando essa disciplina que reencontrei a professora Alzerinda Braga, na época ela cursava o seu mestrado na Unicamp sob a orientação da professora Maria Bernadete Abaurre. Foi quando passamos a ficar mais próximas e chegamos a montar uma “república” de paraenses no centro de Campinas. Morávamos juntas: Alzerinda Braga, Anna Christina Bentes, Nádia Pires, Raquel Guirardello e eu.

As aulas do professor Cagliari foram decisivas para aumentar meu interesse pela Fonética e pela Prosódia. Mesmo tendo solicitado à professora Abaurre uma coorientação, eu me sentia mais à vontade de discutir meu projeto com Luiz Carlos Cagliari. Ele se tornou o meu principal interlocutor no momento de definir o meu projeto de dissertação de mestrado. Devo a ele o fato de ter me interessado mais pela Fonética do que pela Fonologia. De muita paciência no tratamento com os seus alunos, atendia a todos em seu gabinete, consagrava-lhes atenção e parte de seu precioso tempo para ajudá-los em suas dúvidas sobre a condução dos projetos de pesquisa. Sempre solícito e pronto a ajudar, nunca se negou a autorizar o empréstimo do equipamento do IEL para transcrição fonética, para que eu pudesse trabalhar em casa e dessa forma não atrasasse a condução do meu trabalho de pesquisa. Foi autor das mais belas cartas de recomendação que recebi em toda a minha vida. Em dois momentos cruciais da minha vida acadêmica, o Dr. Luiz Carlos Cagliari me forneceu cartas de recomendação para o dossiê de candidatura da bolsa de doutorado junto à Capes e quando de minha candidatura à bolsa

Fulbright¹⁹, em 2010²⁰, ambas as candidaturas foram aprovadas com sucesso.

Luiz Carlos Cagliari é tão cômico da sua responsabilidade com a área e como formador de recursos humanos para o país que durante o meu pós-doutoramento no Departamento de Linguística da *New York University* (NYU), financiada pela *Fulbright* e a *Capes*, em plena semana das festas natalinas, me deparei pela primeira vez com um dado novo em Fonética. Antes do recesso escolar das festas de final de ano, em 2010, eu havia revisado as medidas acústicas dos meus dados com Gregory Guy (NYU), meu supervisor do pós-doutoramento. Várias medidas de f_1 e f_2 ²¹ anotadas por mim na planilha de organização dos dados não correspondiam aos valores esperados para as vogais-objeto. Guy as assinalou e pediu que voltasse ao sinal original e retomasse as medidas no *Praat*, pois aqueles valores estavam errados. As frequências dos dois primeiros formantes determinam a identidade fonética da vogal, por isso, o cuidado em ter valores fiáveis para as análises quantitativas.

Apesar de serem as festas do final de ano, eu não poderia dar-me o luxo de interromper o meu trabalho de pesquisa, tinha um cronograma a cumprir, um relatório a elaborar e uma prestação de contas que me aguardava no final da bolsa. Trabalhar em período de recesso é um pouco solitário, mas tem suas vantagens, podia contar com o laboratório só para mim. Éramos muito poucos os frequentadores do laboratório neste período, e acho que era a única que ficava até tarde trabalhando nos dados.

¹⁹ O programa *Fulbright* é um programa de bolsas de estudo, fundado pelo senador J. William Fulbright, e patrocinado pelo *Bureau of Educational and Cultural Affairs* do Departamento de Estado dos Estados Unidos, governos de outros países e setor privado. Para saber mais consultar o site: <https://fulbright.org.br/comissao/>.

²⁰ CRUZ, R. **Projeto de pesquisa Brazilian Amazon Portuguese Vowel System**: acoustic analysis (Processo BEX1754Q10-6). Brasília: CAPES/Fulbright; New York: New York University, 2011. (Relatório Técnico-Científico aprovado).

²¹ Os formantes são frequências que determinam o timbre vocálico. Os valores do primeiro formante (f_1) são obtidos em função do grau de abertura da boca e da altura da língua na cavidade oral, já os valores do segundo formante (f_2) são frequências obtidas em função do deslocamento antero-posterior da língua.

Depois de ter revisitado os dados várias vezes, feito a tomada de medidas acústicas da forma padronizada como eu tinha estabelecido no projeto, tudo muito cuidadosamente, constatei que os valores obtidos eram realmente aqueles mesmos valores que Gregory Guy tinha apontado como erro. Mas o que fazer se eram os valores fornecidos pelo programa de análise acústica utilizado, no caso, o *Praat*²²? Desesperada e sem saber a quem recorrer, porque era a primeira vez que fazia análise de segmentos, lembrei-me de meus amigos foneticistas brasileiros, Miguel Oliveira Jr.²³, Eleonora Albano e Luiz Carlos Cagliari. Apesar de ter tido apoio de todos, foi a interação com Cagliari a mais profícua. Pelo fato de ter sido obrigada a selecionar os dados problemáticos; explicar detalhadamente o tipo de vogal cujos valores dos formantes estavam errados, descrever o contexto do erro; fazer *prints* dos sinais sonoros, dos espectrogramas, acabei notando por mim mesma que o *Praat* falhava o cálculo de algumas vogais. Qual foi a minha alegria quando apresentei minha explicação ao professor Cagliari e ele concordou comigo! Chorei aliviada sozinha no Laboratório de Fonética da NYU em pleno Natal de 2010. Chorei de felicidade por ter encontrado a explicação para um erro de cálculo das frequências das vogais. Chorei por ter conseguido superar mais um “batismo de fogo”. Talvez eu tivesse conseguido sozinha identificar a causa dos erros dos valores dos formantes, não sei dizer, só sei que a ajuda e apoio do professor foi o meu grande presente de Natal daquele ano de 2010. De fato, ter sido aluna do maior foneticista do Brasil, Luiz Carlos Cagliari, no mestrado, e passar a admirá-lo foi decisivo para eu ter preferido naturalmente tornar a Fonética o centro de interesse das minhas investigações.

Depois da obtenção do título de mestre, em agosto de 1992, decidi por mim mesma, não ingressar imediatamente no doutorado. Optei por só

²² <https://www.fon.hum.uva.nl/praat/>

²³ Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

iniciá-lo quando tivesse obtido mais autonomia e maturidade para conduzir com iniciativa meus estudos de doutoramento. Nesse sentido, os anos de bolsista DCR-CNPq me ajudaram bastante. Pela sua importância, a experiência como bolsista CNPq na minha formação de pesquisadora, será descrita na seção seguinte, portanto, o leitor deve aguardar os próximos “capítulos”.

Para o ingresso no doutorado, contei muito com a ajuda da Dr. Eleonora Cavalcante Albano. Em 1994, já determinada a iniciar os estudos de doutoramento, confidenciei ao professor Rodolfo Ilari (Unicamp), que se encontrava em Belém para uma das bancas de mestrado do CML, que as minhas primeiras tentativas de sair para o doutorado não tinham tido sucesso. Ele muito gentilmente se colocou à disposição de entregar à Eleonora Albano a minha produção acadêmica da época e falar-lhe da minha intenção de fazer doutorado na área de Fonética. E assim o fez. Eu e Eleonora, por quem já tinha a maior admiração, começamos a entrar em contato, até que marcamos uma conversa pessoalmente durante o IX Encontro Nacional do Anpoll (Enanpoll) que foi realizado em Caxambu (MG), neste mesmo ano de 1994.

Entretanto, na época, as universidades paulistas estavam enfrentando uma dura greve contra o Governo de São Paulo. Eleonora, engajada na greve, não pôde participar do IX Enanpoll. Nem hesitei, ao terminar o evento, fiz uma parada em Campinas no percurso de volta a Belém, não poderia perder a chance dessa orientação pessoalmente.

Foi decisiva a conversa com a professora para o meu doutorado. Muitos rumos foram traçados numa tarde de junho de 1994. Decidimos que eu não faria o curso no Brasil, o principal motivo era a escassez de laboratórios de Fonética vinculados aos programas de pós-graduação. Para o dossiê de candidatura de bolsa de estudos junto às agências de fomento

nacionais - Capes e CNPq - consegui a aprovação em três programas de doutorado na França: Strasbourg, Toulouse e Aix-en-Provence; um na Bélgica: no laboratório de Mons; um nos Estados Unidos: em Austin, Texas; e um na Espanha, na Universidade Livre de Barcelona.

As orientações de Eleonora Albano foram fundamentais. Todas as pessoas indicadas por ela, que seriam os contatos nos programas indicados, foram muito solícitas quando eu dizia que estava sendo recomendada por Eleonora Albano Cavalcante. Gostaria de destacar duas dessas pessoas com as quais estreitei laços de amizade: Lara Telles (Universidade Federal de Rondônia)²⁴ e Cesar Reis (Universidade Federal de Minas Gerais)²⁵, ambos aposentados atualmente. Nosso convívio foi sempre marcado por muito respeito profissional e companheirismo. Pedi à Lara Telles que desse sua opinião sobre nossa amizade, eis que ela me enviou este testemunho digno de ser registrado neste memorial:

“Falar das qualidades de Regina Cruz é uma tarefa muito fácil: profissional competente, responsável, fiel, admirável, incansável como orientadora, paciente e, sobretudo, amiga de seus orientandos, o que é muito importante para o sucesso de quem está fazendo uma pesquisa para obtenção do título de Mestre ou Doutor.

Nosso relacionamento como profissionais da área de Linguística data de 1994. Nosso primeiro contato se deu na Universidade de Strasbourg, França, quando Regina me procurou por recomendação da Doutora Eleonora Albano, ocasião em que eu estava como bolsista de Doutorado Sandwich. Apesar de Regina ter ido para a Universidade de Aix em Provence, a partir daí, criou-se um vínculo de amizade muito estreito entre nós, não só como profissionais, mas, também, como amigas, motivado pelo interesse mútuo pela Fonética Acústica, constantemente reforçado pela nossa participação em congressos e eventos científicos.” (Lara Telles, professora aposentada Universidade Federal de Rondônia, 17/4/2019, 12h51)

²⁴ UNIR.

²⁵ UFMG.

Acabei optando por cursar os meus estudos de doutoramento no *Laboratoire Parole et Langage d'Aix-en-Provence* (LPL), o maior laboratório de Prosódia da Europa. Quando iniciei meus estudos no LPL, em outubro de 1996, Cesar Reis tinha defendido sua tese ali, sob a direção de Albert Di Cristo no ano anterior.

O orientador indicado pelo LPL para meu projeto de tese de doutorado foi Daniel Hirst, hoje pesquisador aposentado. Como antes de iniciar o doutorado eu já tivera contato com os trabalhos de Hirst, fiquei muito contente com a indicação. Em se tratando de um grande laboratório de pesquisa, o doutorando tinha que realizar uma pesquisa que fosse de interesse direto do orientador, por isso tive que abandonar o meu projeto *Descrição fonética e fonológica do português falado por comunidades quilombolas de Cametá*, para o qual eu tinha um *corpus* formado de 43 gravações, com uma duração total de 32 horas e 31 minutos de amostras de fala de 136 locutores (CRUZ, 2000, p.152)²⁶, e dedicar-me a um novo projeto de tese de maior interesse para o meu orientador, a construção de um sintetizador de fala para o português brasileiro aos moldes do que fora criado para o francês (DUTOIT, 1996)²⁷. Durante seis meses trabalhei exaustivamente para organizar todas as regras fonéticas do português e ao mesmo tempo aprender sobre síntese de fala e sobre síntese baseada em difones do projeto Mbrola²⁸. Até que um dia, ao final desses seis meses, meu orientador me anuncia que o mesmo autor do sintetizador de fala para o francês havia lançado um sintetizador para o português brasileiro e assim meu projeto de tese tinha seu final abrupto.

²⁶ CRUZ, R. **Description phonétique, acoustique et phonologique du portugais parlé par les communautés noires de l'Amazonie**. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) - Laboratoire Parole et Langage d'Aix-en-Provence, Universidade de Provence, Aux-an-Provence, 2000.

²⁷ DUTOIT, T. **An Introduction to Text-to-Speech Synthesis**. Kluwer: Academic Publishers, Boston, 1996. Forthcoming textbook.

²⁸ <http://intervox.nce.ufrj.br/lianetts/mbrola.htm>

De fato, confesso, fiquei feliz com a notícia, porque não estava contente em trabalhar num projeto de tese com um viés muito tecnológico, preferia um tema mais próximo da Linguística. Durante a negociação do meu futuro tema de tese, meu orientador sem saber qual tema me atribuir, fez com que sugerisse, gentil e humildemente, a possibilidade de usar os dados que eu tinha gravado durante os quatro anos de bolsa DCR-CNPq e que me permitira um *corpus* representativo de comunidades quilombolas da região amazônica. Ao ver o tamanho do *corpus*, Daniel Hirst ficou muito animado em orientar uma tese que faria uso de um *corpus* de grande tamanho, pois na época as ferramentas para tratamento automático de grandes *corpora* ocupavam o centro de interesse dos laboratórios de Fonética. Desta forma, consegui um tema que conciliava as minhas expectativas de uma tese de doutorado e os interesses científicos do meu orientador.

Sobre a minha tese, defendida em 2000 no seio do LPL na *Université d'Aix-en-Provence*, gostaria de ressaltar que seu tema surgiu dentro da polêmica de possível origem crioula (ou não) do português brasileiro (PB), mas diferente dos estudos que estavam no centro desse debate, eu optei por eleger com objeto de análise o nível fonético e não os níveis lexical ou morfossintático. Se era para identificar as origens genéticas do português falado por remanescentes de comunidades quilombolas do baixo Tocantins no Pará, o mais apropriado seria analisar a estrutura rítmica dessa variedade-alvo, que eu denominei de português afro-brasileiro (ABP), e para tal um modelo de análise genética do ritmo fora aplicado, o criado por Frank Ramus em sua tese de doutorado defendida em 1999²⁹. Foi a primeira a análise intralinguística conduzida por mim, comparando dados de outras variedades do português: duas do PB (uma falada na cidade de Cametá e cujos dados foram os mesmos que eu havia coletado durante a

²⁹ RAMUS, F. **Rythme des langues et acquisition du langage**. 1999. Tese (Doutorado em Ciências Cognitivas) - École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 1992. 224 p.

minha pesquisa de mestrado) e uma outra variedade de falantes de nível de escolaridade superior dos grandes centros urbanos, em um *corpus* que me foi cedido por Miguel Oliveira.

O principal resultado relativo ao ritmo obtido por mim foi a classificação para o ABP próximo às línguas de ritmo moraico, a interpretação mais apropriada seria a de que a variedade do português falada por comunidades quilombolas do Pará possuía uma origem distinta do PB, uma vez que o português, como uma língua latina, se encontrava mais próxima da classificação das línguas de ritmo silábico. Consegui identificar uma origem diferente do ABP em relação ao português, mas não consegui definir qual origem seria, porque tanto as línguas africanas quanto as línguas ameríndias são consideradas línguas de ritmo moraico. Mais tarde os resultados da dissertação de Helane Fernandes vão advogar mais em prol de uma herança da Língua Geral Amazônica (LGA), por conta da presença de itens lexicais dessa língua ainda de alta frequência de uso na variedade-alvo (FERNANDES, 2007)³⁰.

Sou muito grata à Eleonora Albano pela indicação do LPL para a realização de meus estudos de doutoramento. O laboratório tinha a particularidade de ser um dos raros lugares de pesquisa vinculados ao CNRS³¹ e que se encontrava sediado dentro de uma universidade francesa. Essa condição estratégica oportunizava uma associação direta entre ensino e pesquisa muito benéfica para a formação de um pós-graduando.

Durante os anos que estive no LPL para cursar o doutorado, quatro equipes eram responsáveis por toda a atividade de pesquisa no laboratório: a) a de Prosódia, da qual eu fazia parte, coordenada justamente

³⁰ FERNANDES, Helane. *Investigação do fenômeno simbólico no português brasileiro: o estudo dos ideofones do português regional paraense*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, UFPA, Belém, 2007.

³¹ *Centre National de la Recherche Scientifique*, o equivalente ao CNPq da França.

pelo meu orientador; b) a de *Traitement Automatique de Language*; c) a de Produção e Percepção; d) a de *Geste et Voix*, coordenado por Isabelle Guaitella. Além do LPL, dois outros centros de pesquisa do CNRS estavam sediados na *Université d'Aix-en-Provence*, o Centro de Estudos do Francês Oral, coordenado por Blanche Benveniste, e o Instituto de Estudos Crioulos.

Tínhamos acesso muito fácil à agenda de eventos, de palestras, de reunião de trabalho seja dos três centros de pesquisa do CNRS sediados em na *Université d'Aix-en-Provence*, seja das equipes de pesquisa que formavam o próprio LPL.

Poder circular livremente entre as equipes e os centros de pesquisa enriquecia bastante a formação de qualquer pós-graduando. Como havia sido dispensada de cursar o DEA³², que compreendia o primeiro ano dos estudos de doutoramento na França, equivalente ao mestrado no sistema brasileiro, eu não era obrigada a cursar disciplinas, poderia me consagrar exclusivamente ao trabalho de pesquisa do doutorado.

Entretanto, era impossível não se contagiar pela atmosfera acadêmica da *Université d'Aix-en-Provence*, com programações ricas, diferentes e variadas promovidas tanto pela parte de ensino da universidade quanto dos centros de pesquisa. Aproveitei o máximo todas as oportunidades que tive de cursar disciplinas (mesmos sem a obrigatoriedade de obter créditos); assistia a todas as palestras de convidados ilustres, participava de eventos científicos, minicursos, oficinas e, principalmente, acompanhava as reuniões de todas equipes de pesquisa do LPL, pois elas eram abertas, nunca restritas a seus membros. Desta forma, pude ter contato com temas que tinham relação direta com o meu objeto de tese e com os que não tinham também.

³² *Diplome d'Études Approfondies*.

Uma equipe de pesquisa, que apesar de não ser a minha equipe original, com a qual me sentia muito à vontade era a coordenada por Isabelle Guaitella, *Geste et Voix*, cujo centro de interesse era a linguagem gestual. Eu gostava do ambiente alegre e menos formal, de como as reuniões eram conduzidas, das atividades sociais programadas para enturmar os membros da equipe e acabei aprendendo muito no convívio com a equipe. Ter acompanhado de perto o trabalho da equipe *Geste et Voix* e os conhecimentos adquiridos no seio da equipe me deram segurança para anos depois de formada supervisionar o projeto de pós-doutoramento de Fernando Oliveira (UPE) ³³ sobre gestos emblemáticos (OLIVEIRA, em andamento)³⁴.

Eu gostava tanto do ambiente de trabalho do LPL que dispensei o direito de ter uma viagem de retorno ao Brasil durante o doutorado, seja para matar a saudade do país, seja para realizar pesquisa de campo. Optei por ficar os quatro anos do doutorado direto no LPL. As únicas vezes que me afastei foram para participar de eventos científicos internacionais fora de *Aix-en-Provence* ou para visitar algum laboratório de Fonética europeu. Durante o curso, visitei o laboratório de Fonética da Universidade de Cambridge (outubro a dezembro de 1997), o *Institut de Phonétique Générale et Expérimentale*, da Universidade de Estrasburgo (agosto de 1997), o laboratório de Fonética da Universidade Autônoma de Barcelona (setembro de 1997).

Tenho somente recordações muito bonitas da época do doutorado. Desde o primeiro dia que cheguei à *Aix-en-Provence* para dar início aos meus estudos de doutoramento até o dia da minha partida fui apoiada pelos amigos que fiz. Alguns deles merecem ser registrados aqui. Uma

³³ Universidade de Pernambuco.

³⁴ OLIVEIRA, F. **Quando o corpo fala**: mapeamento de gestos emblemáticos em comunidades de prática de Pernambuco e Alagoas. Projeto de Pós-Doutorado Júnior cadastrado no CNPq (Protocolo CNPq 151324/2019-0). Belém: UFPA/PPGL. Orientadora: Regina Célia Fernandes Cruz (UFPA/CNPq).

colega de doutorado que contribuiu para eu ser bem-recebida no LPL foi Elsa Mora Gallardo (Universidad de Los Andes - Venezuela). Devo à Elsa o fato de ter expressado a todo LPL, durante reunião do instituto, as dificuldades de um aluno estrangeiro na França, principalmente oriundo da América Latina nos primeiros meses de adaptação, quando teve a oportunidade de fazê-lo. Seu depoimento fez com o que todo o pessoal do LPL ficasse mais atento aos alunos estrangeiros, de forma que, quando cheguei, todos tinham uma grande preocupação em tornar tudo familiar para mim e me ajudar em todas as dificuldades. Apesar de Mora ter concluído seu doutorado no mesmo ano que eu iniciei o meu e logo em seguida ter retornado à Venezuela, tive a felicidade de tê-la em *Aix-en-Provence* quando do período da minha defesa de tese. Todos os meus colegas de doutorado me deram muito apoio nos preparativos e no dia da defesa, mas Elsa ficou ao meu lado o tempo todo.

A minha formação foi marcada por ter frequentado centros de excelência, ter convivido com professores de conduta ética exemplar e ter contado com oportunidades únicas que me permitiram alçar voos bem altos para alguém que vem de uma classe trabalhadora. A opção por uma formação francesa e não americana tinha duas motivações: a) o fato de ter um grande domínio da língua francesa; b) a repulsa por tudo que lembrava os Estados Unidos, causada por conta da associação direta da existência de ditaduras militares na América Latina e a interferência americana nos países do terceiro mundo.

É importante deixar registrado nesse memorial que, se na prova de mestrado, eu possuía um alto desempenho em francês a ponto de ter feito uma prova de tradução com sucesso sem precisar de dicionário, se eu obtive uma alta nota no certificado de proficiência em língua francesa que garantiu a minha aprovação de uma bolsa Capes para cursar o doutorado na França, se não tive grandes problemas de adaptação na França, nem

enfrentei qualquer barreira linguística e, principalmente, se consegui defender uma tese em francês, devo tudo isso a minha mãe. O fato de ter estudado francês desde os 14 anos oportunizou que eu adquirisse o francês como minha segunda língua. Estudei francês no maior centro de ensino de francês do mundo, em uma Aliança Francesa. Filha de motorista de ônibus, neta de uma lavadeira, só pude obter uma formação de alto nível em francês em uma Aliança Francesa, porque minha mãe, Antônia Fernandes Cruz, que, na época, era funcionária da escola, teve um gesto importante e decisivo para minha carreira: me repassou a bolsa de estudos de francês que todo funcionário tinha direito. Ela disse ao diretor que aquela bolsa seria mais útil para a filha dela. Foi assim que me tornei bolsista da Aliança Francesa e fiz toda a minha formação de francês até os últimos níveis do Nancy.

Com exceção de ter frequentado a Aliança Francesa e um cursinho pré-vestibular, que são instituições privadas de ensino, toda a minha formação foi custeada pelo Estado, seja pelo fato de ter frequentado escola pública do ensino básico ao doutorado, seja pelos financiamentos recebidos para custear os altos estudos de pós-graduação com bolsas da Capes.

O fato de ter sempre estudado em escola pública - na Escola Pio X, na Escola Estadual Doutor Camilo Salgado, no IEEP, na UFPA, na UFSC e na *Université d'Aix-en-Provence* - e por ter recebido financiamento de verbas públicas - uma bolsa da Capes para o mestrado e para o doutorado - para uma formação de alto nível, ajudou-me a ter consciência do meu compromisso social em retornar ao meu país e à minha região todo o investimento que o governo fez em mim.

Não se nasce pesquisador, torna- se pesquisador

E a primeira vez na cidade de Cametá!
Oh, vozes amazônicas! O falar cametaense!
Cametá fala muitas falas bonitas e apaixonantes.
Comunidades quilombolas do Mola, Juaba, Laguinho, Tomásia
Poemas e poesias que se entrelaçam nesse falar majestoso!
A pesquisa, a alegria da juventude, nossa força, nossa vontade!³⁵

Há uma fusão muito grande do meu trabalho de pesquisadora e formadora de recursos humanos com a região de Cametá, Pará. Aproveito aqui para retomar o que escrevera para a comemoração dos 30 anos do Campus Universitário do Baixo Tocantins/Cametá (Cuntins-UFPA), já prevendo este memorial (CRUZ, 2018)³⁶.

Nunca me saiu da memória a primeira vez que coloquei os pés em Cametá. Era outubro de 1989. Cheguei à cidade pela primeira vez para a coleta de dados com os pescadores da região, etapa de trabalho imprescindível para a pesquisa da minha dissertação de mestrado (TRINDADE, 1992)³⁷.

³⁵ Salomão Laredo

³⁶ CRUZ, R. Confluências da língua portuguesa no baixo Tocantins - 30 anos de história: a formação de recursos humanos para a área de Letras na região. In: I CONGRESSO DE LETRAS DO TOCANTINS/CAMETÁ, 1., 2018, Cametá. **Anais** [...]. Cametá: Fale/Cuntins/UFPA, 2018. p. 473-485. Disponível em : <https://sites.google.com/view/anaisletrascameta/anteriores/congresso-1>. Acesso em: 6 nov. 2020.

³⁷ TRINDADE, R. **O som da fala dos pescadores de Cametá**. 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.

Elegi a descrição da variedade do português falada em Cametá, tendo como amostra a fala dos pescadores da região, por orientação do Dr. Joaquim Nepomuceno, meu orientador de TCC. Sem ideia exata de que tema abordar para a dissertação de mestrado, fui me aconselhar com ele, que acabou me sugerindo continuar com a descrição da fala dos pescadores, desta vez no seu local de origem. Dentre as diversas procedências de pescadores que comercializam o peixe no Ver-o-Peso, e haviam sido contempladas na monografia, o professor me sugeriu, então, descrever a fala dos pescadores de Cametá. Sem ter a mínima ideia da importância cultural e histórica da cidade para o estado do Pará, aceitei a sugestão sem pestanejar e, assim, o destino me levou até o município.

Devo à professora Leopoldina Araújo todo o apoio logístico que obtive da UFPA para o trabalho de campo de minha dissertação, inclusive a autorização para ficar hospedada no alojamento destinado aos professores da UFPA que se deslocavam à cidade para as aulas nos cursos intervalares. Tendo como única referência a residência dos professores, cheguei a Cametá, ainda de madrugada e me dirigi à casa, sem nenhum endereço escrito, uma vez que o coordenador na época disse, por telefone, que era desnecessário fornecer o endereço, pois o alojamento dos professores da UFPA era conhecido por todos na cidade. Não era tão fácil como ele anunciara, mas eu cheguei à casa por indicação de nativos.

Permaneci em Cametá para o trabalho de campo de mestrado de novembro de 1989 a março de 1990. O campus da UFPA funcionava em uma escola cedida pela Prefeitura, e que hoje foi incorporada ao patrimônio do Cuntins onde apenas funcionavam os cursos de Letras e de Pedagogia. Nesses quatro meses, conheci muitas pessoas importantes que contribuíram com o meu trabalho, dos quais destaco: os pescadores com quem gravei as entrevistas, Tereza Mochel (1942-2018), que se tornou uma grande amiga e uma das responsáveis pela definição do meu segundo

projeto de pesquisa na região (aguardem os próximos capítulos!) e o professor Orlando Cassique (1955-2013), que no futuro se tornaria meu principal e quase único interlocutor da área no seio da UFPA.

Antes de prosseguir com o relato, é importante lembrar, resumidamente, que o objetivo da minha dissertação de mestrado foi caracterizar a variedade do português falado na região de Cametá, elegendo como grupo representativo de falantes dessa variedade, os pescadores da região.

A caracterização foi feita a partir da descrição de três níveis do falar cametaense: o segmental, o prosódico e o discursivo. Como se trata de fenômenos linguísticos de âmbitos diferentes, a abordagem de cada um é feita a partir de diferentes pontos de vista. Foram analisados, primeiramente, os fenômenos segmentais. Demonstrou-se, a partir da Fonologia de Governo³⁸, como se dá a alofonia da vogal posterior alta, que provoca uma duração silábica maior em ambiente específico; e a neutralidade de oposição das líquidas. O destaque maior foi dado aos fenômenos prosódicos, cujas análises apontam para suas estruturas semânticas e seu valor discursivo. Entre os elementos prosódicos estudados encontram-se o volume de voz, a velocidade de fala, o ritmo e acento. A entoação também é abordada no capítulo referente às interrogativas com valor argumentativo e os *afterthoughts*³⁹. Constatou-se que as descrições feitas para o volume de voz, a velocidade de fala, as frases interrogativas e os *afterthoughts* são válidas para qualquer variedade do português.

³⁸ KAYE, J. et al. The internal structure of phonological elements: a theory of charm and government. **Phonology Yearbook**, n. 2, p. 305-329, 1985.

³⁹ "Os *afterthoughts* compreendem uma forma de descontinuidade do discurso oral, evidenciada quando ocorre uma interposição tardia na linha discursiva de uma informação elidida" (KOCHS, 1979 apud TRAVAGLIA, 1988, p. 12).

Consegui gravar dados representativos de quatorze pescadores de Cametá, dos quais uma era do sexo feminino, portanto, um *corpus* quase exclusivamente composto de amostra de fala masculina. Eles eram de localidades bem diferentes: Curuçambaba, Carapajó, Joana Coeli, Ilha Grande de Juaba, Vila do Carmo e, claro, da cidade de Cametá. Na página 14 de Trindade (1992), há uma lista nominal de todos os pescadores entrevistados. Senhor Giordano, mais conhecido como Seu Lilito, presidente da Colônia de Pescadores, na época, foi o elo entre mim e os informantes. O tema mais comum durante as gravações era a escassez de pesca no rio Tocantins em decorrência da construção da Hidrelétrica de Tucuruí (UHE), em 1974, e o início de seu funcionamento, em 1982, provocando uma transformação brutal no ecossistema da região e levando alguns pescadores a adotarem a pesca com “puçá”⁴⁰, considerada uma pesca predatória. Minha dissertação de mestrado⁴¹ contém detalhes do trabalho de campo.

Defendi o mestrado em agosto de 1992, mas em junho deste mesmo ano já tinha uma bolsa DCR⁴² do CNPq aprovada para executar um projeto de descrição da fala de comunidades quilombolas de Cametá, foi assim que voltei à cidade logo depois de ter me tornado mestre pela UFSC e ingressar na UFPA como pesquisadora, a primeira a ter uma bolsa DCR-CNPq no então Centro de Letras e Artes.

⁴⁰ Tipo de rede utilizada na piscicultura para pegar peixes, possui formato de coador e é feita com tela plástica ou metálica. Sua malha de 5mm acaba capturando o alevino e provocando uma pesca predatória.

⁴¹ É possível acessar a minha dissertação pelo link: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/76845>.

⁴² Bolsa concedida ao pesquisador que submete proposta de trabalho para uma instituição localizada em uma região pouco desenvolvida cientificamente, como é o caso da Região Norte. Os objetivos dessa modalidade de bolsa são: “a) estimular a fixação de recursos humanos com experiência em ciência, tecnologia e inovação e/ou reconhecida competência profissional em instituições de ensino superior e pesquisa, institutos de pesquisa, empresas públicas de pesquisa e desenvolvimento, empresas privadas e micro empresas que atuem em investigação científica ou tecnológica e ; b) contribuir para diminuição das desigualdades priorizando as instituições situadas nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e outras regiões de pouco desenvolvimento científico e tecnológico assim definidas pelo CNPq” Fonte: http://cnpq.br/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/78502.

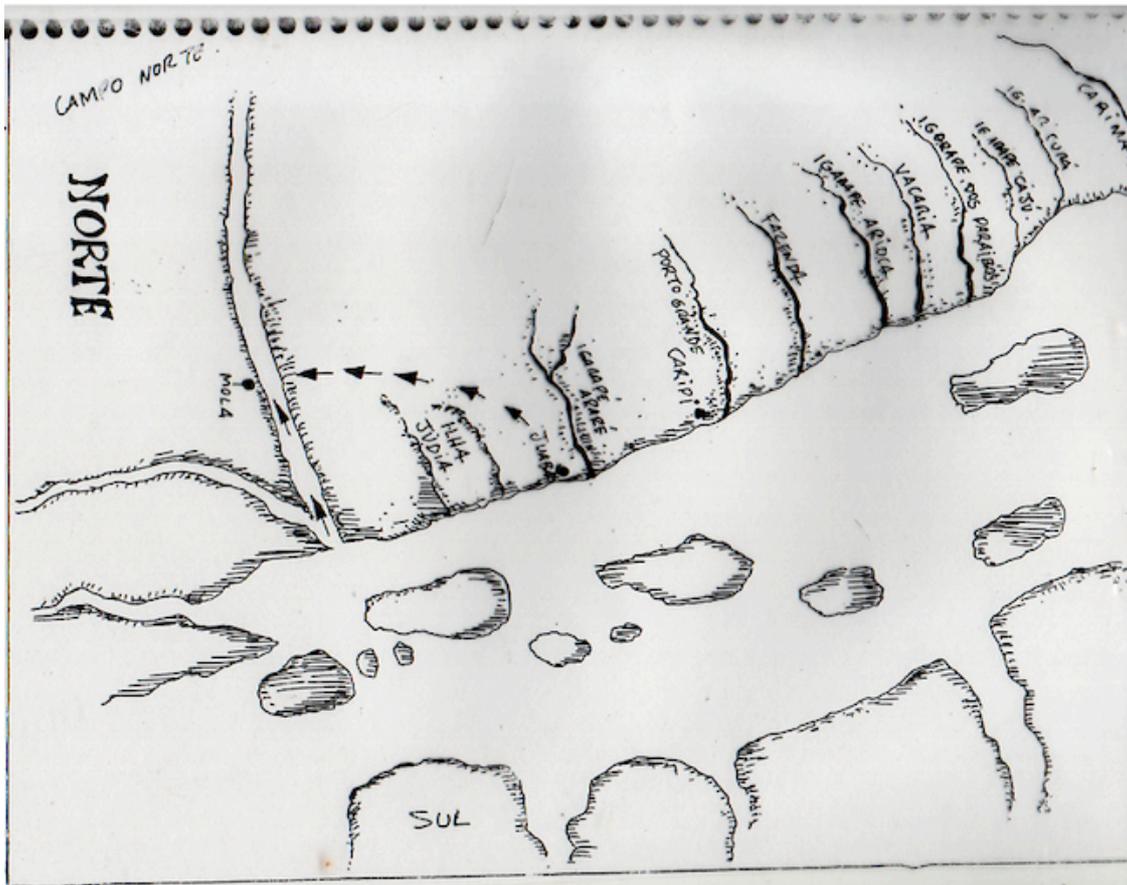
Retornei ao campo em agosto de 1992, logo depois da implementação da bolsa para executar o projeto de pesquisa de descrição do português falado por quatro comunidades quilombolas de Cametá: Mola, Juaba, Laguinho e Tomásia pelo período de 1992 a 1996.

Descobri o português falado pelas comunidades quilombolas da região também por acaso: durante minha permanência em Cametá, para o trabalho de campo da dissertação, estabeleci uma forte amizade com Tereza Mocbel, que sempre me falava de “uns negros moradores do Mola que falavam muito diferente dos cametaenses da cidade”. Ela chegava mesmo a fornecer exemplos de palavras que só haveria no “dialeto” deles⁴³ e sempre me incentivava a considerar a possibilidade de estudar aquela fala, dizendo que eu aprenderia muito descrevendo-a e poderia, até mesmo, registrar a existência de uma língua africana ainda mantida na região.

Como Tereza descrevia de forma muito fantasiosa as comunidades negras, afirmando que “eram negros arredios, que moravam em vilarejos muito afastados cuja entrada de não moradores era terminantemente proibida”, eu não dava muita credibilidade.

⁴³ Os vocábulos mais citados por Tereza Mocbel eram ‘teteé’, ‘teité’, ‘teitei’, ‘malamá’, e expressões afirmativas com sons glotais. Somente depois da conclusão da tese de doutorado (CRUZ, 2000) descobri que se tratam de formas da Língua Geral Amazônica (LGA) ainda presentes na variedade do português falado pelas comunidades negras de Cametá. Esse tipo de construção foi investigado por Gomes (2007) em sua dissertação de mestrado.

Mapa 1- Mapa feito a mão por Joana Pompeu⁴⁴ com a localização geográfica das comunidades quilombolas de Cametá.



Elaboração: Joana Pompeu

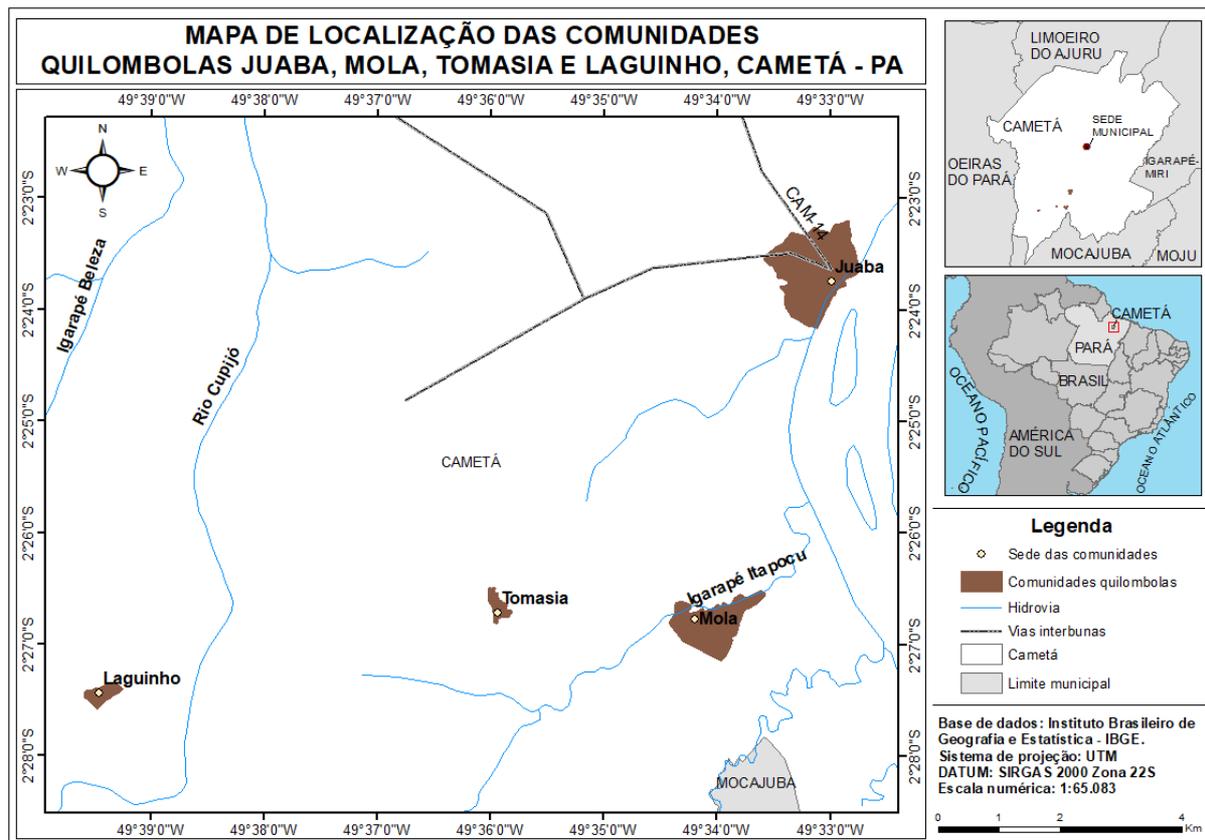
Somente em janeiro de 1992 é que retomei essas informações todas, quando uma proposta de trabalho me foi pedida pela professora Zélia Amador (Instituto de Ciências das Artes/Universidade Federal do Pará)⁴⁵, na

⁴⁴ Peço licença e desculpas aos geógrafos e cartógrafos em utilizar o mapa criado por Joana Pompeu. Concordo plenamente que faltam muitos elementos técnicos para ser considerado um mapa, mas ele é a prova maior de que não dispunha de muita informação sobre as comunidades quilombolas de Cametá, quando iniciei o projeto de pesquisa DCR-CNPq. Tal era a lacuna de informação que Joana Pompeu se sentiu na obrigação de montar sozinha este mapa para servir de instrumento de localização no espaço da região de Cametá. Ele também serve como prova do engajamento, responsabilidade e seriedade dos meus primeiros bolsistas de Iniciação Científica com o sucesso do projeto.

⁴⁵ A professora Zélia Amador pertence ao corpo docente do curso de Teatro do Instituto de Ciências das Artes/UFGA.

época, diretora do CLA, a ser submetida ao Edital de Bolsa DCR do CNPq daquele ano. Ainda não tinha defendido minha dissertação de mestrado, mas já tinha concluído a redação da versão final e estava esperando a palavra final de meus orientadores.

Mapa 2 - O mesmo mapa 1 elaborado por uma cartógrafa.



Elaboração: Tamires Oliveira.

Diante da proposta feita pela professora, fui obrigada a considerar como objeto de investigação a fala das comunidades quilombolas de Cametá, entretanto, como chegar até elas, se eram de fato comunidades fechadas e cujos membros não permitiam a entrada de estranhos? Externalizei minhas preocupações de acesso às comunidades à professora Zélia, que me garantiu conseguir os contatos necessários para a viabilidade

da execução do projeto. Passei, então, à elaboração do projeto de pesquisa DCR.

Foi fundamental, para a sua elaboração e, principalmente, a seleção das quatro comunidades quilombolas (Mola, Juaba, Laguinho e Tomásia), um artigo de autoria do professor José Carlos Castro⁴⁶, publicado na França sobre as comunidades negras de Cameté (CASTRO, 1980⁴⁷). Antes da minha tese de doutorado, das monografias de conclusão de curso dos meus orientandos de graduação, bolsistas IC, ou seja, de toda produção acadêmica advinda da execução do projeto DCR de minha autoria, o artigo de Castro, juntamente com o livro *A Cabanagem na fala do povo*⁴⁸, eram as únicas fontes de consulta sobre as comunidades.

A elaboração do projeto pelo qual eu era responsável por todas as escolhas científicas e sua conseqüente aprovação, com a concessão da bolsa DCR pelo CNPq para a sua execução, foram primordiais para eu ter certeza de que estava no caminho certo. De fato, a concessão da bolsa foi um divisor de águas na minha vida. Guardo na memória até hoje o dia em que recebi a carta de aprovação do meu pedido. O fato de contarmos atualmente com meios de comunicação mais rápidos, como o e-mail, facilitam muito a troca de comunicação, mas retiram a emoção de receber uma carta. Foi justamente alegria, esperança e ânimo que me trouxe a carta do CNPq, no mesmo dia do meu aniversário, 30 de junho de 1992, um verdadeiro presente do universo. Andava muito triste e desanimada para realizar as alterações solicitadas pelos meus orientadores no texto da minha dissertação, não concordava muito com as solicitações feitas de ajustes, tinha certeza de que minha análise estava correta; não me sentia motivada a

⁴⁶ O professor José Carlos Castro me forneceu gentilmente uma cópia do artigo.

⁴⁷ CASTRO, J.C. Résistance et survivance des communautés noires de la région du Baixo-Tocantins (Amazonie Brésilienne). **Bicéphale Europe - Amérique Latine**, n. 2, 1980.

⁴⁸ THORLBY, T. **A Cabanagem na fala do povo**. São Paulo: Editora Paulinas, 1987.

alterar a abordagem teórica. A carta do CNPq chegou justamente quando eu estava vibrando nessa frequência de energia muito baixa e quase desistindo da vida acadêmica. Recebi a carta do porteiro do prédio onde morava na época, e pensei que seria mais uma resposta negativa para me desanimar e fazer desistir da vida acadêmica. Minha autoestima estava tão em baixa que nem tive coragem de abrir e ler imediatamente a carta, porque tinha certeza de que a notícia não seria muito animadora. Até que dentro do elevador, eu pensei e decidi que eu não deveria fugir da realidade, tinha que enfrentá-la e, portanto, deveria ler a carta imediatamente. Abri o envelope e a li linha por linha até que cheguei a parte que dizia "seu pedido de bolsa DCR foi aprovado. Entretanto a implementação de sua bolsa fica condicionada ao envio do seu Diploma de Mestrado". Uma alegria imensa tomou conta de mim. Não acreditava no que eu lia, eu pensava comigo mesma: - *Como um projeto de pesquisa que elaborei sozinha fora aprovado pelo CNPq? Duvidava de minha capacidade até diante da carta que atestava que eu tinha vocação para a pesquisa científica. Era uma tarde de terça-feira, no dia seguinte eu telefonei para a coordenação do programa de pós-graduação da UFSC e comuniquei o fato. A coordenadora perguntou a razão de eu ainda não ter defendido a dissertação se já tinha concluído o texto, expliquei-lhe que não concordava com os ajustes solicitados e conseqüentemente não conseguia fazê-los. Sua resposta foi maravilhosa: - *Se você teve um projeto aprovado pelo CNPq, você vai defender a sua Dissertação. A aprovação de uma bolsa pelo CNPq é o maior aval de que você não pode ter sua carreira de pesquisadora interrompida.* E assim defendi minha dissertação um mês depois e minha bolsa DCR pôde ser enfim implementada em agosto de 1992.*

Coube à professora Leopoldina Araújo⁴⁹ a função de supervisionar a execução do projeto junto à UFPA, pois essa era uma exigência institucional, por conta de eu não ter, na época, vínculo permanente com a universidade, o que só viria a ocorrer em janeiro de 1995, quando da aprovação por concurso público em setembro de 1994.

Ainda que eu tenha concebido e gestado sozinha o projeto que me permitiu minha primeira bolsa de pesquisadora do CNPq, para sua execução, eu contei com uma equipe enorme de trabalho, formada aos poucos. Os primeiros a chegar, em 1993, foram quatro alunos do curso de História do Cuntins que se tornariam também, historicamente, os primeiros bolsistas ICs dos campi do interior da UFPA: Ângela Dias, José Rivaldo Arnaud Lisboa⁵⁰, Joana Pompeu Amorim (Mestra pelo Naea)⁵¹ e Celeste Pinto⁵² (Doutora pela PUC-SP).

A participação dos alunos de História foi fundamental para o levantamento histórico da memória das comunidades e também para a conquista da confiança dos moradores das comunidades-alvo durante o trabalho de campo.

No ano seguinte, 1994, foi a vez do ingresso dos alunos do curso de Letras na equipe do projeto, também na condição de bolsistas IC, destaque Danuzio Pompeu (IBGE) e Doriedson Rodrigues (Cuntins)⁵³. Foi também

⁴⁹ A professora Leopoldina Araújo, hoje aposentada, se tornaria bem mais que uma supervisora de projeto, ela seria minha principal interlocutora. Somente a ela eu confiava, em primeira mão, a leitura de meus manuscritos antes da divulgação. Sempre pude contar com a sua valiosa ajuda acadêmica na época e ainda hoje conto com essa valiosa ajuda.

⁵⁰ José Rivaldo Arnaud Lisboa retomou sua formação acadêmica recentemente, é aluno de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEC) do Cuntins, sob orientação da Dra. Celeste Pinto, sua ex-colega de bolsa IC.

⁵¹ Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – UFPA.

⁵² Celeste Pinto, atualmente, pertence ao corpo docente permanente do curso de História do Cuntins.

⁵³ Doriedson Rodrigues é o atual coordenador do Cuntins.

neste mesmo período que o professor Orlando Cassique Sobrinho Alves veio se juntar à equipe como pesquisador colaborador e orientador de planos IC. Cassique foi outra figura importante para o sucesso do projeto de pesquisa do CNPq em nível de DCR e foi meu único colega de pesquisa na UFPA, durante um longo período. A perda prematura desse grande amigo e colaborador, em outubro de 2013, deixou um espaço vazio na vida acadêmica da universidade e, principalmente, do Cuntins, que nunca será preenchido.

A produção acadêmica desse projeto foi muito importante, o *corpus* formado, com mais de 30 horas de gravação de amostra de fala representativa das comunidades quilombolas, os trabalhos produzidos, tudo foi fundamental para a elaboração da minha tese de doutorado⁵⁴ (CRUZ, 2000). A dívida acadêmica que tenho com Cametá e com o Cuntins é incomensurável. Por essa razão, após a obtenção do título, logo que foi possível retornei à cidade.

Em 2001, depois de ter obtido o título de doutora com uma tese que utilizou o *corpus* formado durante meu período de bolsa DCR-CNPq, retornei ao Brasil e, em seguida, retornei a Cametá. Dentre as primeiras providências tomadas, doei um exemplar da tese à biblioteca do campus.

No período em que estive ausente do Brasil, muitos ganhos positivos ocorreram, por exemplo: a) o curso de Letras do Cuntins havia recebido conceito A do MEC, a turma responsável por esse conceito possuía vários alunos que haviam trabalhado na minha equipe de pesquisa seja como bolsistas IC, seja como voluntários; b) Celeste Pinto e Joana Amorim já eram mestres, Celeste Pinto pela USP⁵⁵ e Joana Amorim pelo Naea.

⁵⁴ A tese de doutorado de minha autoria também está disponível no site da Faculdade de Linguagem do Cuntins. Aproveito a oportunidade para agradecer à Dra. Raquel Costa e ao Dr. Jorge Lopes, professores da Faculdade de Linguagem do Cuntins (Fal-Cuntins), por mais essa divulgação do meu trabalho acadêmico.

⁵⁵ Universidade de São Paulo.

A formação de recursos humanos para região se intensificou mais ainda com o retorno do doutorado. Em 2005, Doriedson Rodrigues defendeu sua dissertação de mestrado que compreendeu a primeira descrição científica do fenômeno do alteamento das vogais posteriores na tônica, uma possível herança da variedade açoriana, a primeira a chegar à região amazônica, no período do Brasil Colonial. A professora Leda Bisol, que compunha a banca de avaliação, ficou encantada com o trabalho de Rodrigues (2005)⁵⁶, chegou mesmo a convidá-lo para fazer os estudos de doutoramento com ela na PUC-RS, mas não conseguindo ficar longe de sua cidade natal, ele preferiu cursar seu doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED-UFPA). Foi justamente a dissertação de Rodrigues (2005) o motivo de Leda Bisol ter me convidado para integrar o grupo de pesquisa nacional Probravo⁵⁷.

Minha participação no projeto Probravo foi muito importante para impulsionar minha produção acadêmica. Várias dissertações que orientei foram vinculadas ao projeto, dentre as quais destaco a de Campos (2008)⁵⁸ e de Costa⁵⁹ (2010) que até hoje fazem parte da minha equipe de pesquisa. Raquel Costa é inclusive vice-líder do grupo de pesquisa cadastrado no CNPq, o *Vozes da Amazônia*. Ambas fazem parte do corpo docente permanente da FAL/Cuntins, aproveito para registrar a colaboração inestimável que as duas pesquisadoras me deram quando da formação do *corpus* do meu projeto de pesquisa financiado pela Capes e pela Fulbright, que foi executado no Departamento de Linguística da *New York University*,

⁵⁶ RODRIGUES, D. *Da zona urbana à rural/ entre a tônica e a pretônica: o alteamento /o/ > [u] no português falado no município de Cametá/ NE paraense: uma abordagem variacionista*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, UFPA, Belém, 2005.

⁵⁷ Projeto nacional financiado pelo CNPq intitulado *Descrição socio(histórica) do Português Brasileiro*, sediado na UFMG e coordenado pela PUC-MG. Fonte: <http://relin.letras.ufmg.br/probravo/index.php>.

⁵⁸ O tema da dissertação de Socorro Campos foi o alteamento das vogais pretônicas na variedade de Mocajuba.

⁵⁹ O tema da dissertação de Raquel Costa foi o processo de variação das vogais médias postônicas não finais na variedade de Cametá.

sob supervisão de Gregory Guy (2010-2011). Um dos resultados importantes que destaco aqui foi a identificação da *f0* intrínseca das vogais como parâmetro físico de identidade das variantes das vogais médias pretônicas, tendo entre as autoras uma bolsista Pibic de Cametá (SOUZA et al., 2015⁶⁰). O *corpus* formado continua sendo explorado, agora em nível de tese de doutorado (SOUSA, em andamento⁶¹) e de dissertação de mestrado (SILVA, em andamento⁶²).

Além de Doriedson Rodrigues, Raquel Costa e Socorro Campos, duas outras professoras de FAL de Cametá, realizaram suas dissertações de mestrado sob minha orientação: Jailma do Socorro Uchôa Bulhões (2006)⁶³ e Helane de Fátima Gomes Fernandes (2007)⁶⁴.

Fiquei muito orgulhosa com o tema de Fernandes (2007), o tema de sua dissertação de mestrado foram os ideofones do português falado pelas comunidades quilombolas de Cametá (CRUZ, 1994). E a escolha, de iniciativa própria dela, ocorreu ainda quando ela trabalhou comigo na condição de bolsista IC (2001-2004). Seu trabalho conseguiu aprofundar adequadamente o tema dos ideofones apenas anunciado na minha tese de doutorado. Em 2009, Fernandes ingressou, por meio de concurso público, como professora efetiva no Campus de Cametá da UFPA.

⁶⁰ SOUZA, G.B.; COSTA, M.; LOPES, M.P.; CRUZ, R.C.F. A *f0* intrínseca como parâmetro acústico de identidade das variantes das vogais médias pretônicas do português falado na Amazônia paraense. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOPROSÓDIA DO PORTUGUÊS E DO GALEGO, 1., Aveiro, 2015. **Anais** [...]. Aveiro: UA Editora, 2015. p. 33-52.

⁶¹ SOUSA, J. **Sistema vocálico pretônico do português falado na cidade de Cametá/PA**: caracterização Acústica. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, UFPA, Belém, em andamento

⁶² SILVA, H. **Aplicação dos métodos de normalização ao sistema vocálico pré-tônico do português falado em Cametá - PA**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, UFPA, Belém, em andamento.

⁶³ Atualmente, Jailma Bulhões é minha colega na Faculdade de Letras da UFPA, Campus Belém. Ver: BULHÕES, J.S.U. **Levantamento, análise e descrição de elementos paralinguísticos do português espontâneo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Curso de Mestrado em Letras, Belém, 2006.

⁶⁴ FERNANDES, op. cit., 2007.

As variedades linguísticas regionais sempre estiveram, e estão, no centro de interesse de minhas investigações. Hoje já conto com outras descrições prosódicas sobre a variedade de Cametá, além da minha tese de doutorado.

Ilma Pinto produziu a primeira dissertação de mestrado vinculada ao projeto internacional *Atlas Multimédia Prosodique de l'Espace Roman* (Amper), descrevendo o comportamento da entoação modal na variedade de Cametá (SANTO, 2010)⁶⁵. É importante ressaltar que a equipe da UFPA vinculada ao Amper é responsável por mais de 50% dos dados do PB que figuram na base de dados desse projeto (CRUZ et al., 2012⁶⁶), dentre as variedades contempladas pelo Amper na região do baixo Tocantins estão Cametá (SANTO, 2010 e COSTA, 2010)⁶⁷, Baião (LEMOS, 2015⁶⁸; LEMOS; CRUZ, 2016⁶⁹) e Mocajuba (COSTA, 2015)⁷⁰.

⁶⁵ SANTO, I. **Atlas Prosódico Multimédia do município de Cametá (PA)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, UFPA, Belém, 2010.

⁶⁶ CRUZ, R.C.F. et al. C. Formation and Annotation of North AMPER Project's Corpus. *In: VII GSCP INTERNATIONAL CONFERENCE: SPEECH AND CORPORA*, 2012, Firenze. **Anais** [...]. Firenze: Firenze University Press, 2012. p. 69-73.

⁶⁷ COSTA, R.M.S. **Descrição sociolinguística das vogais médias postônicas /o/ e /e/ no português falado no município de Cametá (PA)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, UFPA, Belém, 2010.

⁶⁸ LEMOS, R. **Contribuições para o Atlas do Projeto AMPER - Norte: Variedade Linguística de Baião (PA)**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, UFPA, Belém, 2015.

⁶⁹ LEMOS, R.; CRUZ, R. The Dialectal Prosodic Variation in Brazilian Portuguese Spoken in Baião City (PA): an intonational analysis of neutral declarative and Yes/No Interrogative Clauses From AMPER-POR corpus. **Dialectologia - Revista Eletrônica**, v. 6, p. 95-108, 2016.

⁷⁰ COSTA, S. **Contribuições para o Atlas do Projeto AMPER-Norte: variedade linguística de Mocajuba (PA)**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, UFPA, Belém, 2015.

A variedade de Tucuruí, Pará, município limítrofe à Cametá, também foi objeto de uma dissertação de mestrado cuja autora é originária de um dos quilombos estudados no projeto DCR-CNPq (BORGES, 2016)⁷¹.

Em 2009, tornei-me Pesquisadora Produtividade do CNPq (PQ-2) e no ano de 2018, ascendi ao nível 1 (PQ-1D). Com certeza, meu trabalho de pesquisa intensivo na região e a equipe de trabalho com quem posso contar são os principais responsáveis pela laureação do meu trabalho de pesquisa pelo CNPq.

Pertencer a equipes de trabalho de nível nacional, internacional e mesmo local foi determinante para manter a coerência nas minhas atividades de pesquisa e regularidade na minha produção. Poder contar com interlocutores, ter apoio técnico-científico para a condução dos experimentos necessários na testagem de hipóteses e principalmente se sentir fazendo parte de um time que partilha dos meus objetivos acadêmicos e científicos é de um valor incalculável para o crescimento de um pesquisador.

Este tipo de experiência me acompanha desde o doutorado, quando circulava livremente pelas grandes equipes de pesquisa do LPL e não me limitava apenas a acompanhar a agenda de trabalho da equipe *Prosodie*, a qual minha tese era vinculada. Assim como acompanhava de perto a programação de trabalho dos dois outros centros de excelência do CNRS presentes na *Université d'Aix-en-Provence*: o de descrição da sintaxe do francês oral e o de estudos crioulos.

Por saber o quanto é benéfico e saudável para a vida acadêmica de um pesquisador estar integrado a uma equipe, não hesitei em aceitar o convite para participar do projeto institucional da UFPA *O imaginário nas*

⁷¹ BORGES, B. **O comportamento do alteamento das vogais médias pretônicas na fala dos maranhenses e de seus descendentes residentes em Tucuruí**: uma análise variacionista. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, UFPA, Belém, 2016.

formas narrativas orais populares da Amazônia paraense (Ifnopap⁷²), coordenado pela minha colega da Fale/UFPA, Dra. Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões; do grupo de pesquisa nacional *Descrição Sócio-Histórica das Vogais do Português (do Brasil)*⁷³ – coordenado por Marco Antônio de Oliveira (PUC-MG) e Seung Hwa Lee (UFMG); e do projeto internacional Amper⁷⁴. Ter feito parte dessas equipes ou estar fazendo parte até hoje, como é o caso da equipe Amper, é prova de que um pesquisador não se faz sozinho.

Sobre minha participação no Ifnopap, escrevi algo que foi publicado em 2010⁷⁵ e que por si só explica essa relação profissional muito importante para mim. Já peguei o projeto “andando”. Entrei literalmente no barco lá pelo sétimo encontro, realizado em 2003, com o tema *Populações e tradições às margens do Tocantins: um diálogo entre a cultura e a biodiversidade*. O percurso foi Belém - Abaetetuba - Cametá - Tucuruí - Belém.

O meu ingresso se deu um pouco parecido com aquele famoso ditado, se “você não vai ao Ifnopap, o Ifnopap vai até você”. Lembro de estar trabalhando em uma manhã qualquer do primeiro semestre de 2003, na minha sala de pesquisa localizada no mesmo andar onde ficava a secretaria do projeto, quando meu colega, hoje aposentado, Raimundo Cota, do curso de Economia, cametaense nato, abriu a porta da minha sala e disse:

- O IFNOPAP deste ano é em Cametá. Chamei uma reunião com todos os pesquisadores da região para participarmos diretamente da montagem da programação do evento. Vamos!

⁷² Para saber um pouco mais da história do Ifnopap, consultar: <http://ifnopap.blogspot.com/p/cronologia.html> ou a página no Facebook: <https://www.facebook.com/ifnopap/>.

⁷³ Para saber mais sobre o grupo Probravo, consultar: <http://relin.lettras.ufmg.br/probravo/index.php>.

⁷⁴ Para saber mais, consultar: <http://www.varialing.eu/>.

⁷⁵ CRUZ, R. Ninguém esquece seu primeiro IFNOPAP: Basta uma só vez para se viciar. In: SIMÕES, Maria do Socorro. **IFNOPAP: dez anos de seminário embarcado**. Belém: UFPA, 2010. p. 122-124.

Há muito tempo adotara como princípio nunca negar qualquer pedido de colaboração com Cametá. Tenho uma imensa dívida com o Cuntins, com a cidade, com seus moradores, sou reconhecedora do apoio que me deram para eu ter obtido meus dois principais títulos acadêmicos (mestra e doutora). Desde 1989, o falar cametaense é objeto de estudo das minhas investigações linguísticas. Por todas essas razões, juntamente com outros pesquisadores de Cametá, envolvemo-nos diretamente na organização do evento. Consegui convencer o consultor científico do meu projeto de pesquisa, na época, a vir participar do evento. Só me dei conta de como tinha sido uma oportunidade única para ele, quando, em Tucuruí, vi as lágrimas em seu rosto, após ter ouvido o discurso de um cacique Parakanã.

O VII Ifnopap oportunizou-me ver pela primeira vez o crescimento da minha primeira equipe de pesquisa. Como todos os membros apresentaram trabalho, estava muito orgulhosa deles. Em dez anos, os meninos e as meninas da graduação que ingressaram, em 1993, como primeiros bolsistas IC de um campus UFPA no interior, tinham se tornado mestres e alguns já tinham até mesmo engatado o doutorado.

A partir de 2003, passara a participar ativamente dos encontros do Ifnopap. A cada participação, descobria algo novo a ser investigado, trocava ideias, tirava dúvidas. Foi no 9º IFNOPAP, realizado no Arquipélago de Marajó, em 2005, que conheci Frederico Fernandes, professor da Universidade Estadual de Londrina (UEL), e seu trabalho fantástico sobre as narrativas de enterro pantaneiras⁷⁶.

No evento, ganhei seu livro de presente e que me foi e está sendo muito útil até os dias atuais.

⁷⁶ FERNANDES, F.A.G. **A voz e o sentido**: poesia oral em sincronia. São Paulo. UNESP, 2007.

Sobre o assunto, primeiramente orientei uma monografia de conclusão de curso: Cruz (2008), que gerou uma publicação nacional (CRUZ; CRUZ; SIMÕES, 2008)⁷⁷. Foi com esse TCC que iniciei a investigação sobre as narrativas de enterro, mais especificamente verificando a universalidade do modelo de estrutura dessas narrativas proposto por Fernandes (2007).

Para tal, Cruz (2008) aplicou a estrutura proposta por Frederico Fernandes às narrativas de enterro amazônicas do acervo Ifnopap. Fiquei simplesmente apaixonada pelos recursos sonoros e gestuais presentes e responsáveis pela construção da expressividade nas narrativas orais desde o primeiro momento em que tive o contato com o *corpus* Ifnopap, por isso, tinha plena certeza de que essa era uma investigação que precisava ser aprofundada.

Dez anos depois da defesa de TCC de Cruz (2008), Benedita Borges aceitou o desafio de eleger as narrativas de enterro como tema de sua tese de doutorado, desta vez escolhendo como terreno para realização do trabalho de campo, oito comunidades quilombolas de Cametá⁷⁸, das quais três (Mola, Laguinho e Tomásia) fizeram parte do projeto DCR-CNPq e, conseqüentemente, possuem dados analisados na minha tese de doutorado. A forma como tem conduzido e se engajado com o seu tema de tese é um forte indicio de que Borges (em andamento)⁷⁹ fornecerá uma descrição estrutural, prosódica e multimodal completa das narrativas de enterro quilombolas e amazônicas.

⁷⁷ CRUZ, I. S. A **Estrutura das narrativas de enterro do acervo IFNOPAP**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Pará, Cametá, 2008.

⁷⁸ As oito comunidades quilombolas escolhidas por Borges (em andamento) são: Mola, Itapocu, Itabatinga, Bom Fim, Tomásia, Taxizal, Laguinho e Frades.

⁷⁹ BORGES, B. do S.P. **Vai tirar um dinheiro que é teu**: caracterização prosódica e multimodal das narrativas de enterro. Tese (Doutorado em Linguística), Belem: PPGL/UFPa, em andamento.

Assim como sou grata a Cametá pelo enriquecimento da minha vida acadêmica, sou igualmente grata ao Ifnopap pela manutenção da minha produção acadêmica, já que ter publicado anualmente nas atas do evento contribuiu bastante para que, em 2009, tenha sido a primeira bolsista produtividade em pesquisa do CNPq da área de Letras da UFPA. O meu trabalho no projeto me rendeu com grande orgulho o convívio com uma das maiores equipes interdisciplinares da UFPA.

De maneira geral, é muito gratificante vivenciar a Academia sendo levada às localidades do interior da Amazônia.

O evento do Ifnopap é original pela diversidade, pluralidade das atividades programadas: mesas-redondas, sessões de comunicação, conferências, palestras, oficinas, minicursos, exposições, ações extensionistas de forma geral. Diversidade presente não somente na natureza das atividades ofertadas, como também no tipo de temas abordados e nas áreas do conhecimento envolvidas, um verdadeiro exemplo de interdisciplinaridade, único na UFPA, no Pará, na Amazônia, no Brasil.

O convite para participar do grupo Probravo veio por intermédio de Leda Bisol quando ela esteve na UFPA para avaliar a dissertação de mestrado de Doriedson Rodrigues, em 2005. A investigação dos fenômenos relacionados ao vocalismo átono do PB, sob o ponto de vista variacionista e depois acústico, foi responsável por uma boa parte da minha produção acadêmica e me possibilitou um aumento considerável da minha equipe de pesquisa. Participei como expositora de trabalho de todos os quatro eventos oficiais do projeto, o SIS Vogais. Até hoje tenho sob minha orientação trabalhos de pós-graduação que são ainda inspirados pela atuação no Probravo, como a descrição acústica do sistema vocálico pré-

tônico de Cametá (SOUSA, em andamento)⁸⁰, a testagem de métodos de normalização ao sistema vocálico pré-tônico do português falado em Cametá (SILVA, em andamento)⁸¹, além da caracterização acústica das vogais postônicas mediais da variedade de Belém (SILVA, em andamento)⁸².

Da atuação no Probravo, eu gostaria de destacar minha experiência como visitante no Departamento de Linguística da NYU, quando fui bolsista *Fulbright* para executar um projeto de caracterização acústica do sistema vocálico do português falado no Pará, sob supervisão de Gregory Guy. Eu narrei na seção anterior um fato cujo o apoio e orientação do professor Luiz Carlos Cagliari foi determinante para eu ter identificado o problema de cálculo das medidas acústicas de *f1* e *f2* pelo programa *Praat* de determinadas vogais-alvo do *corpus* analisado. A partir deste momento, passo a detalhar os desdobramentos dessa experiência acadêmica.

Quando Gregory Guy retornou do período de recesso por conta das festas de final de ano, eu mostrei a ele o que tinha descoberto sobre os dados que continham valores dispares de *f1* e *f2*. Expliquei-lhe que se tratava de um erro de cálculo do *Praat* e visualmente, era possível verificar um “embaralhamento” das frequências dos formantes no espectrograma, que não se apresentavam em camadas horizontais como esperado. Os dados dessas vogais já se encontravam em separado dos demais dados que não registraram esse tipo de problema e com os quais poderíamos

⁸⁰ SOUSA, J. **Sistema Vocálico Pretônico do Português Falado na Cidade de Cametá/PA**: Caracterização Acústica. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, UFPA, Belém, em andamento.

⁸¹ SILVA, H. **Aplicação dos métodos de Normalização ao sistema vocálico pré-tônico do português falado em Cametá - PA**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, Em andamento.

⁸² SILVA, José Alacid da. **Análise e Caracterização Acústica das Vogais Postônicas não finais /i/, /e/, /a/, /o/ e /u/ do Português falado no Município de Belém-Pará**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, Em andamento.

fazer a análise acústica. A orientação de Guy foi a de que os dados não serviam para a análise acústica e que eu deveria simplesmente excluí-los do *corpus* e mesmo “jogá-los fora”.

Eu os excluí do *corpus* final que deveria sofrer a análise acústica, mas resolvi salvá-los em uma pasta e arquivá-los para uma investigação futura. Eu tinha certeza de que aqueles dados tinham algum valor científico, só não sabia como explorá-los naquele momento. Quando concluí o período de pesquisadora visitante na NYU e retornei ao Brasil em 2011, resolvi “desengavetar” os dados problemáticos que foram excluídos do *corpus Fulbright*. Minha primeira iniciativa foi descrever o contexto de preferência das vogais, pois chamou-me atenção que todos os locutores da amostra tinham produzido vogais com essas características, logo não seria algo característico de um dado falante, depois notei que alguns ambientes fonológicos favoreciam a ocorrência de tais vogais, o que acabei rotulando inicialmente de apagamento da vogal média pré-tônica ou a quarta variante, fazendo alusão às três variantes possíveis das médias pré-tônicas, considerando o grau de abertura, alta, média e baixa. Apresentei esta primeira análise durante o III Sis-Vogais realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, em novembro de 2011.

Duas contribuições recebidas durante o evento foram muito importantes: a de Cláudia Brescancini (PUC-RS), que ressaltou o fato de realmente as vogais serem ouvidas, mas que não tinham rastros acústicos no sinal sonoro nem no espectrograma e de Francisco Meneses, na época concluindo a sua dissertação de mestrado sob orientação de Eleonora Albano com um objeto de estudo muito próximo, que me alertou para o fato de não serem vogais apagadas, mas sim desvozeadas. Dessa forma, passei a investigar o desvozeamento das vogais pré-tônicas. Em contato direto com as duas outras pesquisadoras nacionais interessadas pelo tema, Eleonora Albano e Isabel Seara (UFSC), acabei me dando conta de que o

objeto somente poderia ser descrito adequadamente sob um outro enfoque, o da fonologia gestual e com uma nova coleta de dados, desta vez sob o ponto de vista articulatorio. Para esta empreitada consegui que uma orientanda de doutorado resolvesse tomar a frente da investigação como tema de sua tese de doutorado. Foi graças à Giselda Fagundes que contamos com a primeira descrição acústica, articulatória e perceptual completa do desvozeamento das vogais altas pré-tônicas no PB⁸³. Sou duplamente orgulhosa de Giselda por ela ter concluído a descrição com uma abordagem adequada de um fenômeno que eu identifiquei por acaso nos dados da variedade de Belém destinados à análise acústica e por ter sido autora da primeira tese defendida sob minha orientação.

De 2007 a 2009, quando da realização do II Sis-Vogais⁸⁴, a equipe de pesquisa da UFPA sob minha coordenação já tinha realizado a descrição do processo de variação das vogais médias pretônicas do português falado em cinco localidades do estado do Pará: Cametá, Mocajuba, Breves, Belém e Breu Branco. Todas as descrições sociolinguísticas de cunho variacionista apresentavam um tratamento quantitativo dos dados.

O Sis-Vogais era o evento nacional vinculado direto ao Probravo, sendo a oportunidade que todas as equipes de trabalho tinham para compartilhar seus resultados sobre a investigação do vocalismo átono no PB. A reunião foi a primeira do qual participei como membro do Probravo, assim, resolvi apresentar um panorama geral do fenômeno do alteamento no Pará, confrontando os resultados obtidos para cada variedade de modo a fornecer a tendência do português falado na Amazônia paraense em relação ao fenômeno de alteamento das vogais médias pretônicas. Tomei como base para a comparação interdialeto estabelecida as descrições

⁸³ Fagundes cursou uma parte de seu doutorado entre os laboratórios de Fonética da Unicamp e da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), coorientada por Eleonora Albano e Alexandro Meireles.

⁸⁴ II Simpósio sobre Vogais (II SisVogais) foi realizado no período compreendido entre 21 e 23 de maio de 2009 na Faculdade de Letras da UFMG em Belo Horizonte.

variacionistas concluídas pela equipe do Vozes da Amazônia para os dialetos paraenses de Belém, Breves, Cametá, Mocajuba e de Breu Branco.

Eis que ao confrontar os dados, identifiquei que havia uma grande preferência pela preservação das médias pretônicas em detrimento do alteamento nas variedades paraenses no geral, com percentuais muito próximos de alteamento e manutenção das médias pretônicas e com tendência maior para ausência de alteamento, atestando, inclusive, variação neutra das vogais médias pretônicas no caso do português falado em Mocajuba. Entretanto, duas variedades registravam valores muito disparem em comparação as demais: Breves e Breu Branco.

Os índices mais destoantes de Breves (33%) e de Breu Branco (24%) indicavam a necessidade de uma investigação mais aprofundada sobre a situação sociolinguística destes dois municípios em particular. Os resultados dos estudos sobre as vogais médias das variedades da Amazônia paraense demonstraram que as duas variedades investigadas fugiam completamente a uma característica comum das variedades da região: a quase neutralização da variação entre as médias pretônicas.

As variedades de Breu Branco (próximo a Tucuruí) e da zona urbana de Breves (no Marajó) têm como pontos em comum o fato de serem localidades que receberam uma forte migração de falantes do português de outras regiões do Brasil por conta de projetos econômicos. Percebi nesse momento que os fatores externos seriam mais relevantes no condicionamento de realização das variantes das médias pretônicas, o que faria com que tais variedades fossem muito diferentes das demais presentes na Amazônia paraense.

Para comprovar tal hipótese precisaria de uma nova coleta de dados, controlando como principal fator a origem ou ascendência do falante, acreditava que esta variável estivesse controlando a realização dessas

variantes, pois postulei como hipótese de que nas regiões em questão – Breu Branco e Breves – ainda não se teria cristalizado uma nova norma resultado do contato interdialeto nessas regiões, como ocorrido em Brasília (DF), e o fato desta nova norma ainda não ter sido estabelecida resultaria em contraste muito acentuado da realização das variantes atestadas.

Assim, surge uma nova frente de investigação vinculada ao Probravo, o de descrição sociolinguística do português falado em zona de contato interdialeto na Amazônia paraense. Foram estabelecidos novos procedimentos metodológicos de coleta de dados e definição da amostra, uma vez que os critérios variacionistas clássicos não se encaixavam, a inspiração foi o trabalho pioneiro de Stella Maris Bortoni Ricardo sobre a descrição da variedade falada pelos alagoanos residentes em Brasília⁸⁵. Vinculadas a esta nova frente de atuação do projeto Vozes da Amazônia, foi feita a descrição da fala de maranhenses migrantes em Belém, por Giselda Fagundes, e em Tucuruí por Benedita Borges, ambas em nível de dissertação de mestrado, e de cearenses residentes no Nordeste paraense, por Jany Éric Queirós Ferreira, cuja tese de doutorado⁸⁶ foi elogiadíssima pela banca, recebendo inclusive indicação ao prêmio Capes de Tese. Todas essas descrições tomaram como objeto de análise o comportamento variacional das vogais médias em sílaba pré-tônica.

De fato, na região Norte, os estudos sobre as vogais átonas foram impulsionados com a minha entrada e de minha equipe de pesquisa, todos integrantes do projeto Vozes da Amazônia, no grupo Probravo.

⁸⁵ BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade**: um estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

⁸⁶ FERREIRA, J.E.Q. **Crenças e atitudes linguísticas de paraenses e cearenses na região nordeste do Pará um estudo sobre o abaixamento das médias pretônicas**. 2019. 220 f. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

Antes do trabalho da equipe do projeto, tinha-se o registro de raros estudos sobre o tema na variedade do português falado na Amazônia paraense, destaque para a tese de uma professora minha da graduação, Terezinha Nina, defendida em 1991 na Universidade Federal do Rio de Janeiro ⁸⁷. Outro destaque é a dissertação de mestrado de Doriedson Rodrigues, defendida em 2005, sob minha orientação, que compreendeu a primeira descrição sociolinguística sobre o alteamento das vogais posteriores na posição de sílaba tônica, um fenômeno raro em todo o português, somente encontrado nas variedades amazônicas e no português falado nas ilhas do Arquipélago dos Açores.

Assim como fui convidada a fazer parte do grupo Probravo por Leda Bisol, também foi por meio de convite que passei a integrar a equipe de trabalho do projeto internacional Amper. Foi durante o IX Congresso Nacional de Fonética e Fonologia/III Congresso Internacional de Fonética e Fonologia, realizado na UFMG, no ano de 2006, que Lurdes de Castro Moutinho (UA) me convidou para integrar a equipe de língua portuguesa do projeto internacional, que recebe a denominação de Amper-Port. Não hesitei em aceitar e no ano seguinte já era oficialmente membro da equipe⁸⁸.

Um dos objetivos do projeto Amper é um mapeamento geoprosódico das línguas latinas e suas variedades, formando um banco de dados on-line com amostras comparativas. O objeto de análise escolhido foi a entoação modal, mas precisamente o uso linguístico da entoação no estabelecimento da distinção entre interrogativa total e declarativa neutra. Indiscutivelmente um divisor de águas nos estudos prosódicos, o projeto possibilita, por meio de sua metodologia padronizada, um *corpus*

⁸⁷ NINA, T. **Aspectos da variação fonético-fonológica na fala de Belém**. 1991. Tese (Doutorado em Letras) - UFRJ, Rio de Janeiro, 1991.

⁸⁸ Assim é denominada a equipe de língua portuguesa vinculada ao Amper e coordenada por Lurdes de Castro Moutinho (Universidade de Aveiro).

comparável, uma vez que todas as variedades mapeadas precisam obedecer aos critérios de coleta e tratamento de dados estabelecidos pela coordenação geral.

Identifiquei-me tanto com o ambiente de trabalho da equipe Amper-Por que a minha atuação está sendo fundamental para que o estado do Pará e a UFPA tenham visibilidade no projeto, já que a equipe da UFPA, sozinha, contribuiu com 50% dos dados do PB disponíveis no banco de dados⁸⁹. Em função do aumento da equipe da UFPA vinculada ao projeto e do número de variedades contempladas no mapeamento do Norte, passei a ser coordenadora de todas as ações do Amper na Amazônia, responsável também pelas equipes da Universidade Federal do Amazonas e da Universidade Federal do Amapá.

Ao todo, quinze variedades do português faladas na Amazônia já foram mapeadas pelo projeto Amper-Por. Belém foi a primeira. Em seguida, outras localidades paraenses foram contempladas: Cametá, Abaetetuba, Mocajuba, Baião, Curralinho, Santarém e Bragança. Na sequência houve ampliação do trabalho de campo para fora do estado do Pará, assim, Borba e Parintins, cidades amazonenses, foram contempladas no mapeamento. Recentemente, houve a conclusão da descrição da análise prosódica de São Luís (MA), em nível de tese de doutorado, de autoria de Brayna da Conceição Cardoso⁹⁰. As variedades mais recentemente contempladas no mapeamento geoprosódico das variedades amazônicas foram as de Mazagão, Oiapoque e Macapá, todas faladas no território amapaense e que compreendem objeto de estudo da tese de uma das minhas orientadas, Suzana Santo (Unifap), que também foi responsável pela descrição prosódica em nível de dissertação de mestrado da variedade de Maués

⁸⁹ Conferir o banco de dados neste site: http://www.varialing.eu/?page_id=272.

⁹⁰ CARDOSO, B.C.S. **A variação prosódica dialetal do português falado em São Luís do Maranhão**. 2020. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

(AM) também vinculada ao projeto Amper-Por. Duas outras teses vinculadas ao Amper-Por prometem contribuições importantes aos estudos sobre prosódia do português, a de Maria Sebastiana Costa (Ufra), que fornecerá uma comparação interdialetoal das variedades faladas em localidades do interior da Amazônia⁹¹; e a tese de Rosinele Lemos e Lemos, que fornecerá um panorama do português falado nas variedades das capitais da Amazônia Oriental⁹².

Como se pode notar, os trabalhos que desenvolvo atualmente, vinculados ao mapeamento geoprosódico do português falado na Amazônia, compreendem um resultado natural de minha participação como membro do projeto Amper desde 2007 e uma retomada e aprofundamento de hipóteses emergentes de descrições prosódicas anteriores do português falado na Amazônia paraense, produzidas seja antes, refiro particularmente à minha tese de doutorado, seja depois de minha entrada no projeto. Sempre tive uma grande preocupação em desenvolver um trabalho original, por isso, mantive as opções feitas para a tese de doutorado de priorizar comparações intralinguísticas tomando como base de investigação o nível prosódico da língua.

As descrições prosódicas sobre as variedades paraenses são todas de minha autoria ou em colaboração, como é o caso dos trabalhos de pós-graduação sob minha orientação vinculados ao projeto internacional Amper. De fato, raros são os especialistas em prosódia, e sou muito feliz por fazer parte desse time nacional que impulsiona as pesquisas da área de prosódia do PB.

⁹¹ COSTA, M.S. da S. **Mapeamento prosódico das variedades dialetais amazônicas pela entoação modal.** Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém. (Em andamento).

⁹² LEMOS, R. **Padrão geoprosódico do português falado nas capitais da Amazônia Oriental.** Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará. (Em andamento).

É justamente minha atuação junto ao Amper que me conferiu a bolsa produtividade de pesquisa do CNPq desde 2009. Preciso relatar aqui a emoção que eu tive ao receber a notícia de concessão da minha primeira bolsa PQ e o quanto sou grata à Anna Christina Bentes por mais esse acréscimo na minha vida acadêmica. Conheci Anna Christina no dia da seleção do mestrado em Linguística da UFSC, em dezembro de 1987. Éramos as únicas paraenses na seleção e fomos as duas aprovadas. Desde então somos melhores amigas. Hoje, Christina é professora do IEL/Unicamp, mas já estivemos juntas em várias oportunidades: a) fizemos todo o curso de mestrado juntas; b) fizemos o mestrado sanduíche na Unicamp juntas, fomos as pioneiras a ter esse tipo de iniciativa; c) dividimos apartamento em várias cidades: Curitiba, Florianópolis, Campinas, Belém; d) Entramos na UFPA como professoras quase ao mesmo tempo, Christina entrou primeiro do que eu. Foi ela quem me incentivou a submeter uma proposta ao CNPq quando obtive a bolsa DCR, logo depois do mestrado, e foi ela também quem me avisou do edital aberto para bolsista produtividade do CNPq em 2008.

Era maio de 2008 e eu tinha ido a Campinas para participar do *Speech Prosody 2008* sob coordenação de Plínio Barbosa, Sandra Madureira e Cesar Reis. Neste mesmo período, o CNPq tinha aberto o edital para concessão de novas bolsas de pesquisa na modalidade PQ. Eu tinha tentado a primeira vez em 2001, logo que retornara do doutorado, mas não tive o pedido aprovado, sob alegação de exigência de dois anos de doutorado, no mínimo, para uma bolsa aprovada. Diante da recusa da minha primeira submissão em 2001 e depois de ter presenciado nas reuniões da Anpoll de que era quase impossível a novos pesquisadores terem uma bolsa PQ na atual conjuntura, uma vez que durante os anos do governo de FHC houve uma redução no número de concessão de bolsas, de forma que para que uma nova bolsa fosse concedida seria necessário a

vacância de uma já em curso, eu não tinha esperança nenhuma de me tornar pesquisadora produtividade do CNPq.

Entretanto, o edital de 2008, aberto durante o governo Lula, trazia dois diferenciais: a) um aumento considerável no número de bolsas a ser concedido; b) a lei que garantia 30% de aprovação de todo edital de fomento à pesquisa direcionado para as propostas das regiões poucos desenvolvidas cientificamente no país, Norte e Nordeste, também aprovada nesse governo.

Decidi então prolongar minha estada em Campinas, elaborando a minha proposta na casa da Christina, já que ambas tinham a mesma intenção. Pude ter o ambiente necessário para conceber uma proposta compatível com edital e tive sucesso na submissão da proposta.

Quando o resultado foi divulgado, ela me ligou para dizer que não havia sido contemplada. Totalmente descrente, pensei: *se a Christina não conseguiu a bolsa, eu mesma não teria a menor chance*. Pertencia a um programa de pós-graduação menos conceituado, a uma universidade de menor prestígio, com uma infraestrutura que comprometia o sucesso de do trabalho acadêmico, carga horária de trabalho excessiva, acreditava também que possuía um número de publicação muito inferior. De imediato nem quis conferir o resultado do edital. Até que resolvi por curiosidade consultar a página do CNPq. Neste ano, o número de bolsas concedidas era tanto que não tínhamos uma lista com o resultados, mas listas por ordem alfabética, havia uma aba para cada letra. Eu demorei a perceber essa organização dos resultados, estava acostumada com a concessão de número bem inferior de bolsas e financiamento em geral, típico da época do governo anterior que tinha à frente o PSDB. Quando consultei a aba da letra 'R' e vi meu nome dentre as propostas aprovadas, meu coração se

encheu de felicidade da mesma forma quando recebi a carta do CNPq de aprovação da minha bolsa DCR em 30 de junho de 1992.

Retornei a ligação à Christina e ela foi a primeira pessoa a saber da minha aprovação, repetindo a cena da aprovação da minha bolsa DCR há 16 anos. Ficou feliz por mim, vibrou ao telefone. Lembro-me que falei: - *Como eu fui aprovada se nem tenho livro publicado como tu tens*⁹³? E ela respondeu: - *Mas tens anos de tradição em pesquisa, tens inserção no ensino e na pesquisa com a formação de recursos humanos, isso conta muito em uma aprovação de bolsa deste nível.* Pedi-lhe que falasse um pouco sobre esses anos todos de convivência e ela me enviou esse texto carinhoso:

"Conheci Regina por intermédio da professora Leopoldina Araújo. tínhamos passado no processo seletivo do mestrado em linguística da universidade federal de santa catarina de 1987. iniciáramos o curso em março de 1988. eu já estava morando no sul desde agosto de 1987. recebi regina em minha casa em Curitiba no início do ano de 1988. nossa afinidade foi imediata. e desde então, somos amigas e companheiras de trabalho. naquele início de mestrado, compartilhamos a vida - os estudos, a rotina em uma cidade tão diferente, as amigadas -, sendo que ainda em 1988 foi Regina quem passou a me hospedar em Florianópolis. As escolhas dos campos de atuação profissional foram diferentes: eu já me encaminhava para os estudos do texto/discurso e Regina consolidava cada vez mais seu interesse na área de Fonética/Fonologia.

Fizemos coisas incríveis juntas. Uma delas foi um "mestrado sanduíche" na Unicamp, em 1989, apenas com o financiamento da bolsa e com o consentimento do programa da UFSC, uma iniciativa muito feliz e inovadora de nossa parte. Tínhamos a força e a alegria da juventude e toda a esperança em um futuro bacana para nós.

Depois de terminado o mestrado, estudamos para o concurso da UFPA juntas e entramos como professoras da universidade que

⁹³ Neste momento fiz referência aos três volumes organizados por Anna Christina Bentes e Fernanda Mussalim contendo temas das áreas da Linguística e que compreendem um dos primeiros manuais de Linguística mais completos em língua nacional.

nos formou na graduação em um período em que ainda havia poucos doutores. Foi uma felicidade imensa poder compartilhar a vida profissional com Regina na UFPA e fora dela. Nossas escolhas profissionais nos uniram e nos separaram também. Mas sempre ficamos próximas, cultivando nossa preciosa amizade pessoal e profissional, que aquece o meu coração e da qual tenho o privilégio de desfrutar.

Regina fez uma carreira brilhante, sempre mostrando profissionalismo, dedicação e inteligência ímpares. Tenho muito orgulho de ter estado e de estar sempre próxima dela. Seu trabalho como professora e pesquisadora e sua história de vida são uma inspiração para todos nós.” (Anna Christina Bentes, professora do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 21/4/2019, 9h10, via e-mail)

Eu também sou honrada pela nossa amizade, um dos presentes maravilhosos que a vida acadêmica e a Linguística me deram.

Já minha amizade com Aldebaro Barreto da Rocha Klautau Jr. (ITEC/UFPA)⁹⁴ tem muitos pontos em comum com a história de amizade com Christina Bentes. Paraense, Aldebaro também fez seu mestrado em Engenharia Elétrica e Eletrônica na UFSC, e foi justamente participando de um evento em Psicolinguística nessa universidade, em janeiro de 1993, que o conheci. Na época, ele já estava interessado nas áreas de síntese de voz e reconhecimento de fala. Não demorou muito para voltar a encontrá-lo, desta vez na UFPA, como bolsista DCR. Fazíamos parte da geração de bolsistas DCR na UFPA. A partir deste momento participamos juntos de vários projetos que uniam a Linguística e a Engenharia, mas sobre essas parcerias, deixarei que ele mesmo nos conte:

“A colaboração com a Professora Regina Cruz foi essencial para que o Laboratório de Processamento de Sinais (LaPS) da UFPA desenvolvesse pesquisas em reconhecimento automático de fala. A partir desta interação, a UFPA conseguiu produzir um dicionário fonético para o Português Brasileiro que vem sendo

⁹⁴ Instituto de Tecnologia da UFPA.

bastante usado, além de outras ferramentas computacionais como um conversor grafema-para-fonema. Estas ferramentas estão em domínio público e permitiram ao LaPS/UFGA atingir considerável visibilidade no país e exterior.

Estas pesquisas só foram possíveis em função do grupo de engenheiros e pesquisadores do LaPS ter encontrado na pessoa da profa. Regina Cruz alguém capaz de trabalhar na fronteira da linguística com a engenharia. Além da competência técnica para exercer este papel de interface entre as duas áreas, a profa. Regina sempre se mostrou engajada e apta a tornar a linguística mais acessível aos engenheiros, assim como motivá-los ao estudo de diversos assuntos avançados da fonética e fonologia do Português Brasileiro.” (Aldebaro Barreto da Rocha Klautau Jr., professor do Instituto de Tecnologia da UFGA e pesquisador do CNPq, 2/4/2019, 1h34, via e-mail)

O trabalho de cooperação com Aldebaro, com Miguel Oliveira, contemporâneo de doutorado e também do grupo de Prosódia, sempre me ajudou no meu crescimento acadêmico e tem me ajudado até hoje. A minha mais nova frente de atuação tem sido a conciliação da experimentos psicolinguísticos na testagem de hipóteses sobre fenômenos prosódicos investigados primeiramente no nível acústico. Seus resultados ficarão para futuros memoriais, porque trata-se de um estudo recente⁹⁵, iniciado durante a conclusão deste texto, prova de que o título ao ser alcançado com este memorial está longe de sinalizar o fim da minha carreira acadêmica.

Pensando bem, eu acho que não foi tanto por acaso que me tornei linguista e depois foneticista. Quando criança, eu lembro bem de dois fatos relacionados à linguagem. O primeiro deles tinha a ver com a constante correção que os adultos faziam na minha fala quando eu usava o pronome 'a gente' como primeira pessoa do plural. Meu idioleto tinha a preferência pela variante 'a gente + verbo de 3ª pessoa do singular', mas toda vez que eu a usava e tinha um adulto por perto, sempre era "corrigida": - *A gente não, nós*. Eu nunca aceitava que 'a gente' fosse uma variante "errada", muito

⁹⁵ Estágio em nível de pós-doutoramento sob supervisão do Dr. Miguel Oliveira Jr. (UFAL) de 8 de julho de 2020 a 7 de julho de 2021, de acordo com a Portaria n. 2325/2020 da UFGA.

menos estigmatizada. Hoje me dou conta de que vivenciei o processo variacionista de disputa entre duas variantes, uma inovadora, claramente estigmatizada, mas que hoje não mais o é. Outra lembrança da infância tem relação direta com as minhas tarefas escolares. Ainda na 1ª série, em plena alfabetização, lembro de um dia, ao estudar sozinha para fazer o dever de casa, fiquei em dúvida sobre a grafia canônica da palavra 'galinha', e registrei graficamente primeiro como 'gal**lh**inha' com <lh>. Não gostei da escrita, pensei comigo mesma: - *uma palavra não pode ter duas combinações de letras "complicadas" - <lh> e <nh>*. Decidi então reescrever a palavra eliminando uma dessas combinações, no caso o <lh> e trocando-a por <l>, aceitando o registrado gráfico de 'galinha', acabei chegando à conclusão de que as letras nem sempre corresponderiam ao mesmo som. Essa descoberta somente fez sentido quando, anos depois, conheci a relação não biunívoca entre som e letra na escrita portuguesa abordada por Miriam Lemle em seu livro *Guia Teórico do Alfabetizador*⁹⁶.

Voltando ao título desta seção, posso até não ter nascido linguista, mas tornei-me uma.

⁹⁶ LEMLE, M. **Guia teórico do alfabetizador**. 17 ed. São Paulo: Ática, 2009.

Como cheguei até aqui: será que a minha carreira justifica o concurso para titular?

O texto inicial de apresentação do meu CV na plataforma Lattes do CNPq diz que eu sou:

Professora Associado IV da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará e Bolsista Produtividade CNPq-PQ1. Doutor em Ciências Humanas pela Université d'Aix-Marseille I - França (2000), Mestre em Linguística pela UFSC (1992) e Graduada em Letras pela UFPA (1987). Coordena projetos de pesquisa na UFPA desde 1992, quando ingressou nessa IES, na condição de bolsista DCR-CNPq. É professora da cadeira de Linguística do Curso de Letras. É membro da equipe internacional Amper (Atlas Prosodique Multimedia de l'Espace Roman) coordenado pela Université de Grenoble (França). Membro do Conselho Editorial da área de Linguagem da Editora Cortez. Foi pesquisadora visitante da New York University (2010-2011) na condição de bolsista Capes/Fulbright, da Universidade de Aveiro (2009) e do Laboratório de Fonética da University of Cambridge (1997). O centro de interesse de suas investigações compreende variação linguística, aspectos fonéticos, variação fonológica, fala espontânea, aspectos prosódicos e multimodais.

O texto registra minha atuação profissional no nível superior, mas minha vida profissional começou bem antes da terça-feira de 17 de janeiro de 1995, quando tomei posse do meu cargo na UFPA.

Fui o 2º lugar no concurso para professor do ensino básico da rede pública da cidade de Belém, um concurso disputadíssimo que teve apenas sete aprovados. A carta de convocação foi entregue por um funcionário da Prefeitura num carro oficial, no mesmo dia do enterro da minha avó, 1º de julho de 1986, recebi a carta logo no retorno do cemitério, como estava muito triste com a partida dela, a carta acabou servindo de consolo. Em julho de 1986 tomava posse do cargo de professora do ensino básico da Prefeitura de Belém⁹⁷. Em agosto de 1986, tive a sorte de ser lotada em uma escola no mesmo bairro onde morava, a Escola Municipal Prof. Miguel Pernambuco Filho.

Minha primeira turma era também uma 1ª série. Foi tão difícil para eu encontrar a forma certa de ensinar. Eu ficava tão angustiada, pois já estávamos no meio do ano letivo e aquelas crianças não sabiam nem ler nem escrever satisfatoriamente. Naquele momento, foi um desafio que me levou a melhorar a minha prática pedagógica, tendo em vista ajudar os meus alunos a superarem suas dificuldades de aprendizagem. Lembro-me de dois cursos de formação que a Secretaria de Educação do Município de Belém ofereceu e que foram muito importantes para mim: um com o educador carioca Antonio Leal, que veio compartilhar o sucesso de sua experiência como alfabetizador de uma turma de alunos repetentes de uma escola na favela carioca da Rocinha, a mesma relatada no seu livro *Fala Maria Favela*⁹⁸. Antonio nem imagina o quanto seus relatos foram iluminadores para eu conseguir trabalhar com sucesso com a minha

⁹⁷ PMB.

⁹⁸ LEAL, A. **Fala Maria Favela**: uma experiência criativa de alfabetização. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora, 1984.

primeira turma de alfabetização. Qual não foi a minha felicidade, ao fechar o controle de avaliações da turma, no final do ano, e constatar que a maioria tinha sido promovida à 2ª série. Fiquei tão feliz que solicitei à diretora para continuar trabalhando com eles na série seguinte. Não queria interromper o trabalho que já tinha iniciado e que tinha surtido um efeito positivo na aprendizagem daqueles alunos.

Não perdia nenhum curso, nem treinamento oferecido pela Secretaria, porque tinha consciência de que precisava aprender muito para ser uma boa professora das séries iniciais. Foi num desses treinamentos que aprendi ainda mais sobre como melhorar a prática pedagógica, desta vez com a educadora Esther Pillar Grossi. A postura profissional, o comprometimento com a educação, o protagonismo no sucesso escolar de alunos carentes de Esther Pillar Grossi e de Antonio Leal foram muito importantes para me tornar uma professora com iniciativa, autonomia e preocupada com o sucesso de aprendizagem dos alunos. Com eles, aprendi que não se deve julgar os alunos, nem fazer diferença entre eles, deve-se acreditar neles o tempo todo, jamais ter qualquer atitude preconceituosa ou discriminatória com os alunos, porque mesmo sem externalizar com palavras, eles acabam percebendo. Levei como lição de vida os ensinamentos aprendidos com Grossi e Leal para toda minha vida como docente.

O emprego na Semec foi a minha primeira aprovação em concurso e trabalhando como professora de ensino básico. Entretanto, o meu primeiro emprego na educação pública foi na SEDUC-PA, um ano antes, como técnica em assuntos educacionais do Departamento de Ensino de 1º Grau, lotada na Ensino Religioso, que era de responsabilidade da Arquidiocese de Belém. Devo muito à Socorro Cardoso (UEPA), na época, minha colega na graduação, esse foi meu primeiro emprego, porque logo que houve a possibilidade de novas contratações, ela imediatamente lembrou de mim e

mesmo em meio a uma greve, ela conseguiu o meu endereço residencial e pediu para me contactarem.

O coleguismo, carinho e consideração de Socorro é algo que nunca esquecerei. Fomos colegas de graduação, de trabalho, com ela na chefia e hoje somos colegas de docência universitária. Herdei dela um dos meus mais brilhantes alunos de pós-graduação, Jany Eric Queirós Ferreira, que hoje integra o corpo docente da Universidade Federal Rural da Amazônia. Sou muito orgulhosa de tê-la na minha rede de relações profissionais e de amizade, porque partilhamos muitos pontos em comum, inclusive de formadora de recursos humanos para a região.

Agora fica mais fácil para o leitor deste memorial entender a razão de eu ter investido em uma formação de pós-graduação sem a intenção de seguir a vida acadêmica, mas de me tornar uma profissional cada vez mais autônoma e capacitada para o exercício do magistério. Minha intenção ao fazer o mestrado era de retornar ao trabalho como uma profissional de visão da mesma forma que eram Antonio Leal e Esther Grossi, meus principais modelos na época.

Estava tão comprometida com essa meta que, ao retornar do mestrado, ao reassumir minhas funções na Semec, em 1991, eu deveria ser lotada novamente em uma escola. Enquanto a funcionária da secretaria procurava as possibilidades de lotação para mim, eu perguntei-lhe se não poderia voltar para a minha antiga escola, a Miguel Pernambuco Filho. Ela me olhou surpresa e perguntou se eu tinha certeza de não preferir dar aula para as séries mais avançadas do 5º a 8º ano, por exemplo. Eu reiterei que, se não houvesse nenhum impedimento, eu gostaria de retornar para minha antiga escola e trabalhar em uma turma de 1ª a 4ª série. E assim aconteceu. No meu retorno à escola, me sentia bem mais segura para exercer a docência do que antes quando iniciei o mestrado. Optei por ser lotada em

uma turma do turno do noturno cuja população escolar era formada de jovens e adultos. Além do trabalho em sala de aula, foi possível enriquecer o ano letivo dos alunos com palestras que atendessem as suas expectativas de jovens, torneios, projeção de filmes. Não posso me queixar dos anos que trabalhei em uma escola municipal, qualquer solicitação, que endereçávamos à sede no sentido de conseguir equipamento ou profissional capacitado para a realização de alguma dessas atividades, era imediatamente atendida. O fato de todas as professoras lotadas, naquela época, no turno noturno da Escola Miguel Pernambuco Filho terem formação de nível superior (volto a lembrar ter nível superior não era uma exigência para ser professora de educação básica na época) fazia toda uma diferença. Era uma constante entre nós pensarmos algo para não deixar que a rotina dominasse o nosso cotidiano profissional, logo que uma tinha alguma ideia todas as outras aderiam imediatamente. Tínhamos um senso de colaboração e coleguismo muito forte entre nós. Os alunos reconheciam nosso esforço, era realmente muito prazeroso e gratificante trabalhar com aquela equipe. Quando foi publicada a portaria de cessão da Semec para a UFPA por conta da minha bolsa DCR-CNPq, o que exigia dedicação exclusiva, deixei a escola no meio do ano letivo de 1992. Qual foi a minha surpresa quando em outubro deste mesmo ano, por conta das comemorações do dia do professor, recebi um telefonema da professora que me substituíra convidando-me para homenagem pela passagem do dia na turma. A explicação dela para o convite foi que a turma iria fazer uma homenagem pelo dia do professor, mas que a homenageada da turma seria eu, porque para eles eu continuava sendo a professora deles. E desta forma foi encerrada minha vida de professora de ensino básico. Nunca mais voltaria a trabalhar como alfabetizadora, durante o período em que fui bolsista pesquisadora do CNPq na UFPA, houve abertura de concurso para professor efetivo do curso de Letras, acabei prestando o concurso e sendo aprovada.

Um registro sobre meu concurso que me permitiu ser efetivada como professora do ensino superior não pode ser omitido.

O concurso foi realizado em setembro de 1994, mas entre o período de inscrição e a realização das provas houve um grande lapso de tempo. Já era o segundo concurso que prestava, não estava muito animada, porque havia sido reprovada no primeiro, para completar foi o ano do I Congresso Internacional da Abralin realizado na Universidade Federal da Bahia em Salvador. Próximo da realização do congresso, acredito que dois meses antes, eu resolvi priorizar a escrita do trabalho que eu iria apresentar em forma de comunicação oral⁹⁹. Tinha conseguido testar e comprovar uma hipótese de condicionamento variável do uso de duas partículas afirmativas ambas formadas por reduplicação, uma de um som glotal nasalizado¹⁰⁰ e a outra de uma fricativa velar¹⁰¹. Retornara ao trabalho de campo em julho. Meu objetivo era testar a hipótese de condicionamento pelo status da informação na realização das variantes. Se algo fosse afirmado ou confirmado durante a interação de uma informação dada, algo já conhecido na interação, o falante usava a forma reduplicada por glotal nasalizada para confirmar; diante de uma informação nova o locutor usava a forma reduplicada por fricativa para afirmar. Não foi difícil criar estratégias de interação para testar a hipótese, pois já era conhecida das comunidades desde 1992 e todos se sentiam muito à vontade comigo. Portanto, por opção, decidi entre julho a setembro priorizar a elaboração da versão final do trabalho que iria apresentar no congresso. Uma semana antes de viajar para Salvador, as provas do concurso foram marcadas finalmente. A primeira prova seria na terça-feira do dia 20 de setembro de 1994. Viajei

⁹⁹ CRUZ, R. Os aspectos enunciativos da afirmação na fala dos negros de Cameté. *In*: PROCEEDINGS OF I CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA, 1994, Salvador. **Anais** [...]. Salvador : UFBA, 1994. Disponível em : http://www.ling.su.se/Creole/Papers_On-Line.html#Fernandes_Crus-1.

¹⁰⁰ Eu transcrevi foneticamente como [ŋŋ].

¹⁰¹ A transcrição fonética foi [hh].

temerosa de uma reprovação, pois passara muito tempo sem estudar devidamente para as provas do concurso, uma vez que havia priorizado a minha participação no congresso da Abralín. Depois que eu apresentei meu trabalho, o estresse tomou conta de mim, porque comecei a me culpar por não ter-me preparado como deveria, de forma que eu acompanhava os colegas nos passeios e atividades sociais, mas levava comigo todo o meu material de estudo para o concurso. Enquanto todos se divertiam, eu ficava estudando os meus textos em um canto. Teun van Dijk registrou um desses momentos na praia de Itapuã. A foto que Van Dijk fez é a mesma que uso na apresentação do meu CV Lattes. São testemunhas desse registro, Julia Maués (IFPA) e Anna Christina Bentes (Unicamp).

Figura 5 - A foto que Teun van Dijk fez de mim na praia de Itapuã acompanhada de meu material de estudos para o Concurso que me permitiu a entrada na UFPA como professora universitária.



Foto: Acervo pessoal Regina Cruz

Em janeiro de 1995 tomei posse do meu cargo de professora de nível superior depois de ter sido aprovada em 1º lugar no concurso que me efetivou. E dei início à minha carreira como professora do curso de Letras da UFPA, marcada por um convívio de menos coleguismo e mais competitividade.

Logo que cheguei do Doutorado, em 2001, passei a integrar o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA (PPGL/UFPA), a convite do coordenador na época, Dr. Gunter Karl Pressler. O PPGL possui a particularidade de ter sido por muito tempo o único programa da área de Letras de toda a região Norte do Brasil. Criado em 1987, a implantação de seu doutorado (2012) é recente (primeira turma de ingresso se deu em 2013), acabei me tornando a única responsável pela formação de recursos humanos na área de fonética acústica, experimental e percepção, direcionados para fenômenos da variação linguística e de geoprosódia, de uma instituição localizada em uma região carente de recursos na área. Apesar de sempre registrar um dos maiores índices de produção de todo o corpo docente do PPGL, nunca poderia imaginar que seria penalizada um dia por fazer meu trabalho da melhor maneira possível.

Logo que me tornei bolsista produtividade do CNPq em 2009, um processo de assédio moral dentro do PPGL foi iniciado pela coordenação da época com o aval de alguns membros do Colegiado que se autodenominavam sua maioria absoluta. O processo todo culminou com o meu descredenciamento aprovado em reunião de Colegiado e a troca da fechadura da minha sala de trabalho. Foi a prova maior da mentalidade dominante no meu ambiente de trabalho, considerado um dos mais adoecedores de toda a UFPA.

Foi um momento de grande amadurecimento e conhecimento pessoal. Aprendi a diferenciar um opositor político leal de um colega

hipócrita, privatista e sem consciência de seu compromisso social seja com a educação seja com a região amazônica.

Não somente demônios enfrentei neste inferno de Dante, fui cercada de verdadeiros anjos e profissionais sérios que me ajudaram na luta que travei contra o PPGL ao interpor recurso contra a decisão de descredenciamento junto ao Consepe.

O processo não teria tido melhor relatora do que Profa. Dra. Vera Jacob (Iced/UFPA/CNPq), somente uma mulher de garra, sensível, responsável com a instituição pública, poderia ter feito a defesa que culminou com a aprovação do meu recurso no Consepe. Serei sempre reconhecedora da importância de seu papel na minha vitória. Quando solicitei sua autorização para mencioná-la neste memorial, mais uma vez ela se dispôs sem hesitar:

*“Tomei conhecimento do processo da Regina ainda na Câmara de Pesquisa e Pós-Graduação a qual integrava naquele momento e fui designada para ser parecerista. Quando fiz a leitura do Processo fiquei indignada com a injustiça que o Programa estava cometendo com a professora Regina. Para emitir meu parecer decidi analisar a situação de todos os docentes do Programa e o que o documento de área exigia para avaliação da permanência de um professor no Programa. Elaborei um quadro apresentando a situação na reunião da Câmara e demonstrei a injustiça que estava sendo cometida com a Professora Regina, pois, naquele momento, era a única professora com bolsa produtividade do Programa e já há algum tempo vinha sendo impedida de orientar novos estudantes. Ao ler o documento enviado pelo coordenador do colegiado do Programa minha indignação se transformou em revolta. Todos os parágrafos do documento de mais de 100 páginas iniciavam com a expressão: **É MENTIROSA** [grifo meu]. Num completo desrespeito à professora Regina com ataques pessoais contra a professora, parecia mais um relatório da época da Inquisição. Ficou evidente que o verdadeiro motivo para decidirem descredenciar a Professora Regina era o fato dela incomodar o grupo que era hegemônico na coordenação do Programa. Em nenhum momento houve a preocupação com a*

*qualidade do trabalho da professora e muito menos com a avaliação do Programa, uma vez que a saída da única professora PQ do Programa prejudicaria o mesmo. **A decisão não era institucional, mas puramente pessoal e política** [grifo meu]. Consegui aprovar meu parecer por unanimidade na reunião da Câmara e depois por ampla maioria na reunião do Pleno do Consepe. Meu parecer foi extremamente técnico e pautado na ética acadêmica que deve ser a postura de todos que defendem uma Universidade pública e democrática. Fiz a defesa da permanência da Professora Regina no Programa e faria tudo novamente para qualquer professor ou professora que estivesse sendo injustiçado e/ou perseguido como ela.*

Eu não tinha nenhuma relação pessoal nem profissional com a Professora Regina e só a conheci pessoalmente no dia em que ela foi acompanhar a reunião do Consepe. Tenho acompanhado as atividades da Professora Regina a distância (apesar de trabalharmos na mesma Universidade não temos tido oportunidade de atuação conjunta). Considero que a Professora Regina é uma excelente profissional, comprometida com a ética e com a produção do conhecimento e, fundamentalmente com a defesa da Universidade pública, gratuita e democrática. Cordialmente, Vera Jacob" (Vera Jacob, professora do Centro de Educação da UFPA e pesquisadora do CNPq, 30/4/2019, 10h35, via e-mail).

Mas não darei espaço para meus colegas desrespeitosos, antiéticos e assediadores, como bem lembrado por Vera Jacob, neste memorial. Quero registrar aqui, o respeito, o apoio e a solidariedade que tive de meus colegas de dentro e de fora da UFPA.

Rui Rothe-Neves (UFMG), meu conterrâneo, teve a iniciativa de contactar outros colegas nossos para elaborar um monção de apoio da área de Fonética e Fonologia a ser enviada ao Consepe. Juntaram-se a ele nesta empreitada, Miguel Oliveira Jr. e Anna Christina Bentes, mas foi a atuação de Gisella Collischonn, fonóloga da UFRGS e coordenadora do GT de Fonética e Fonologia da ANPOLL na época, determinante para o número de assinaturas e pelo texto caloroso de apoio. O documento redigido por Gisela, assinado por muitos colegas da área, foi lido gentilmente por Vera

Jacob durante a plenária que deliberava sobre o meu recurso no Consepe. Esse momento foi para mim um dos maiores carinhos que recebi dos meus colegas linguistas. Senti muito a partida de Gisela em 15 de junho de 2016, retomo aqui o texto de minha autoria na homenagem que fiz a ela no dia do seu falecimento:

“Acabei de receber a triste notícia da partida de uma das minhas colegas de quem até então não sabia o quanto admirava e gostava verdadeiramente. Devo a Gisela Collischonn o grande apoio que recebi nacionalmente quando sofri um dos maiores assédios dentro da UFPA. Gisela Collischonn tomou a iniciativa de encaminhar à Reitoria da UFPA um documento assinado por outros colegas do GT de Fonética e Fonologia da ANPOLL no qual manifestava total repúdio ao assédio que eu estava sofrendo. Gisela Collischonn tomou esta atitude não por amizade, mas pela consciência de seu dever profissional e ética. Sinto muito que Deus a tenha chamado tão cedo. Apenas peço a Ele que cuide dela como o mesmo carinho que ela sempre cuidou daqueles com quem conviveu.” (15/6/2016, <https://www.facebook.com/gisela.collischonn>)

O apoio recebido de Eleonora Albano também merece ser registrado neste memorial. Por ter passado por situação muito semelhante em seu ambiente de trabalho, Eleonora entendia a verdadeira dimensão do meu sofrimento e sabia exatamente como poderia me ajudar. Serei eternamente grata a todo apoio que recebi dela e de todos os meus colegas linguistas.

No seio da UFPA, o apoio veio de quem eu menos esperava, de meus colegas com quem tivera grandes embates polêmicos e os quais, talvez, eu os tenha magoado. Marilucia Oliveira, a quem registro aqui todas as desculpas por ter sido em algum momento uma colega rude. Outro colega a quem devo pedido de desculpas e de retratação pela situação de aborrecimento que lhe causei é Gunter Karl Pressler, meu colega de “calvário” (a quem o PPGL negava o reingresso na mesma época, também sem nenhuma justificativa aceitável nem legal) e de vitória. Por possuímos posicionamento político divergente da mentalidade dominante nas

instâncias do ILC, acabamos nos tornando *persona non grata*. Marilúcia Oliveira e Gunter Karl Presser me ensinaram que devemos saber diferenciar um adversário político leal de um colega simpático dissimulado. Tenho raros amigos e aliados políticos no seio do PPGL, mas sou muito orgulhosa das alianças feitas. O convívio com Thiago Azevedo, aluno egresso do doutorado do PPGL, permitiu leveza nas lutas travadas no seio do Programa, mas deixarei que ele mesmo fale sobre as nossas batalhas político-acadêmico-institucionais:

“Com grande entusiasmo, cabe-me ressaltar a trajetória ética da amiga e professora Regina Cruz, docente da Universidade Federal do Pará. Profissional competente, pesquisadora inquieta, a professora Regina me foi apresentada por intermédio das colegas de Doutorado Brayna Cardoso e Sebastiana Costa, no momento em que estive envolvido na organização do XIII Seminário de Pesquisas em Andamento, realizado no ano de 2016. Durante esse período, assumi a função de representante discente, cargo que me ofertou a oportunidade de frequentar as reuniões colegiadas do Programa de Pós-Graduação em Letras. Paulatinamente, durante as reuniões pude perceber a justa sensibilidade acadêmica e política da professora Regina, sendo por ela apoiado em demandas diversas, a exemplo da defesa que fizemos em prol de eleição direta para escolha dos coordenadores do PPGL; da revisão dos editais de bolsa, e da participação dos estudantes na criação de eventos, caso que se confirma no êxito do 1º Círculo de Teses, Dissertações e Monografias da UFPA. Destaco ainda a importante atuação da Profa. Regina nos trabalhos da comissão de ocupação do novo prédio da Pós-Graduação em Letras, sendo ela a responsável por endossar o pedido por uma sala de leitura destinada aos alunos, bem como, por publicamente reiterar nosso apelo às autoridades, no propósito de acelerar as obras do novo prédio da Pós, inaugurado no ano de 2016, todavia, aberto à comunidade apenas no ano de 2018. Das lutas diárias que travei na defesa da Universidade pública que escuta e valoriza o estudante, que tem na discordância o exercício de efetivação do diálogo democrático, devo agradecer à Profa. Regina, pelo bom combate, o das ideias. Louvo esse exemplo de lucidez, lealdade e coragem, e o

guardo no coração, onde mal não há.” (Prof. Dr. Thiago Azevedo, Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA, 16/4/2019, 17h29, via e-mail).

As amizades estabelecidas no seio da UFPA foram ainda mais fortalecidas, Rosa Brasil, minha grande amiga da Fale/UFPA, esteve sempre ao meu lado; Rafael Saldanha, na época aluno do curso de Espanhol, presidente do Centro Acadêmico de Letras e representante discente no Consepe, denunciou publicamente o ato de assédio contra mim, mobilizou o movimento estudantil em meu apoio, confrontou em diversas ocasiões as autoridades universitárias cobrando-lhes uma solução. Quando o Consepe aprovou meu recurso e deliberou pela anulação do descredenciamento, foram os alunos que festejaram com muito barulho e uma enorme faixa foi colocada na porta do ILC e do PPGL registrando a vitória. Tê-los no meu círculo de amizade é motivo de júbilo, mesmo depois de termos tomados rumos diferentes, Rosa Brasil preste a se aposentar e Rafael Saldanha hoje é funcionário público da Unifap, mas continuamos próximos e muito unidos. São poucos, mas verdadeiros, os amigos que a vida profissional me deu, no geral, somos muito parecidos politicamente, acredito que as afinidades políticas foram a causa de nossa aproximação logo que nos conhecemos, mesmo sem termos qualquer convivência diária, como foi o caso de Rafael Saldanha e Thiago Azevedo, nunca foram meus alunos, pois tinham formação diferente, mas acabamos nos aproximando pelas bandeiras de luta na UFPA.

Só depois de ter sofrido tal injustiça, eu entendi a razão de três colegas meus brilhantes da época do doutorado, cada um de nacionalidades bem diferentes, uma espanhola, uma holandesa e um francês, terem escolhido um caminho bem longe da Academia depois de formados. A espanhola foi trabalhar numa editora especializada em livros científicos; a holandesa em uma agência de fomento da Holanda e o

francês aceitou um cargo num ministério francês. Eles que não se conheciam entre si, quando questionados por mim que não imaginava uma vida profissional que não fosse na universidade, a resposta era sempre a mesma: nunca mais quero viver neste ambiente acadêmico, adoecedor, competitivo, injusto. Hoje faz sentido para mim a opinião e escolha deles.

Praticante de yoga como sou, curiosa pela cultura oriental, eu acabei entendendo que tudo no universo tem seu lado *yin* e *yang*, seu lado positivo e negativo, seu bônus e ônus. Posso dizer que já experimentei todos os dois lados da vida acadêmica. Senti na pele o ônus da competitividade, mas se pesar numa balança, tenho mais pontos favoráveis. A carreira de pesquisadora e professora universitária me permitiu conhecer e morar em lugares maravilhosos, muito além da minha cidade natal e até mesmo do meu país de origem. Seja para participar de evento científico, visitar laboratórios ou mesmo realizar cursos de capacitação profissional. Viagens a trabalho, mas que acabam também trazendo felicidade. Adoro viajar, adoro conhecer lugares diferentes, entrar em contato com culturas diferentes, e consigo satisfazer esse meu prazer com o trabalho que eu tenho (cf os mapas-síntese no apêndice contendo uma visão da minha trajetória acadêmica e profissional em quilômetros percorridos).

Ainda tenho esperança de retornar a China, por exemplo. Estive lá em 2014, quando fui contemplada com uma bolsa do programa Top China do Banco Santander. Foi um mês de produtiva troca de experiências entre Brasil e China sobre sustentabilidade e meio ambiente. Éramos um grupo de vinte professores brasileiros oriundos de todos os cantos do Brasil, membros de uma comitiva muito maior engrossada por estudantes brasileiros para passar um mês entre Shanghai e Pequim, conhecendo de perto as universidades chinesas e ministrando aula. A minha aula foi sobre a flutuação do significado de 'sustentabilidade' ao longo da história de povoamento da Amazônia. Hoje, presenciando o total descaso do governo

brasileiro com a floresta amazônica é como se voltássemos à política de exploração da região na época da Ditadura Militar: *desmatar para povoar*, sem respeitar as nossas riquezas de biodiversidade muito menos sem respeitar os povos tradicionais que vivem da floresta. Ter assistido às aulas de diferentes especialistas sobre a importância de preservação do meio ambiente de uma forma sustentável com as riquezas naturais me fez ainda mais valorizar a região onde trabalho.

Por sinal, conviver com profissionais de áreas de conhecimento diferentes da minha tem sido algo muito benéfico para meu crescimento. Faço referência, em particular, ao *status* de bolsista produtividade do CNPq. Por ter sido a primeira bolsista produtividade do CNPq de toda a Região Norte do país da área de Letras, eu sempre sou convidada para compor comissões de assessoramento do programa Pibic, como membro externo do CNPq, das IES localizadas na região: Universidade Federal do Acre (Ufac), da Universidade Federal do Oeste do Para (Ufopa), das IES do Amapá: Universidade Federal do Amapá (Unifap), Universidade Estadual do Amapá (UEAP), do Instituto Tecnológico Federal do Amapá (IFAP); da Universidade Federal do Tocantins e tenho acompanhado anualmente o programa Pibic da Universidade Estadual do Maranhão desde 2009. Neste sentido, já participei de vários processos seletivos e seminários de avaliação do Pibic nessas instituições.

Ser representante do CNPq tem sido um dos trabalhos mais prazerosos dentre as minhas responsabilidades profissionais: a) viajar duas vezes por ano para colaborar com a Iniciação Científica das IES; b) conviver com pesquisadores de áreas diferentes da minha; c) acompanhar de perto o crescimento de sua área de atuação no universo acadêmico.

Porém, pela primeira vez, por conta da situação de pandemia da covid-19, esse trabalho foi todo remoto, mas tenho certeza de que quando

tivermos vencido o coronavírus, vou poder reencontrar meus colegas de comitê externo, que eu gentilmente batizei de “o comitê mais simpático do CNPq”.

Figura 6 - Dois registros de trabalho na UEMA como representante do CNPq: a) à direita, o último SEMIC/UEMA participado (2019); b) à esquerda, comemorando minha mudança para nível 1 do CNPq, em julho de 2018.



Foto: Acervo pessoal Regina Cruz

Ainda tenho muita esperança de que esse tipo de relação interpessoal cheia de cortesia, coleguismo, solidariedade que desfruto como avaliadora *ad hoc* do CNPq possa ser reproduzida no cotidiano da universidade.

Os problemas de relacionamentos com os colegas são compensados pelo afeto e progresso dos alunos sob nossa orientação. É incrível como me faz feliz ver que um(a) aluno(a) conseguiu realizar seus sonhos, ter uma vida melhor, encontra-se realizado(a) na vida profissional. Termos a comprovação de que de alguma forma contribuímos para o sucesso e o bem-estar de alguém nos revigora como ser humano e profissional.

Por isso sou imensamente feliz por ter como colegas de Faculdade, Emanuel da Silva Fontel e Jailma do Socorro Uchôa Bulhões, porque acompanhei de perto o seu crescimento acadêmico. Fui a orientadora de TCC de Emanuel e duas vezes orientadora de Jailma Bulhões, no TCC e no Mestrado. Sobre esse convívio em situações acadêmico-profissionais diferentes, Emanuel Fontel elaborou um testemunho carinhoso para este memorial:

“Regina Célia Fernandes Cruz, além de ter sido minha professora em duas oportunidades na época da Graduação, tornou-se, a partir de 1996, quando eu também entrei para o quadro de professores do então Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas-DLLV do Centro de Letras e Artes - CLA, minha amiga pessoal. Ao longo desses quase vinte e três anos de convivência, pude testemunhar seu compromisso com a pesquisa e com o ensino, além de sua firmeza de caráter. Sua visão institucional e sua perspicácia e habilidade para produzir conhecimento, aliadas à sua generosidade ao partilhá-lo, tendo em consequência disso contribuído também para a formação de um representativo volume de profissionais qualificados para atuar no Ensino de Língua Portuguesa e na Pesquisa em Linguística na Amazônia, são, do meu ponto de vista, invejáveis e exemplares. Por esses motivos, em certas ocasiões, não hesitei em estabelecer com a referida professora e amiga colaborações que muito me orgulham. Sou grato pelo privilégio de conviver com a Regina!” (Emanuel da Silva Fontel, professor do curso de Letras da Universidade Federal do Pará, 22/4/2019, 00h35, via e-mail).

Jailma Bulhões e Emanuel Fontel não são os únicos ex-discípulos que suplantaram seu mestre. Participei de perto da formação acadêmica de uma boa parcela do corpo docente do Cuntins/Cametá: Doriedson Rodrigues, Raquel Costa, Socorro Campos, Helane Fernandes, Robson Rua, Érica Reis, Celeste Pinto. Sou muito orgulhosa deles, porque todos são tomados como exemplo de docência na sua atuação profissional. Sobre essa relação de respeito e companheirismo, Helane Fernandes me enviou uma belíssima contribuição para este memorial:

Os anos em que estive como bolsista de Iniciação Científica com a Prof.^a Dr.^a Regina Cruz foram imprescindíveis para a construção da minha vida profissional como pesquisadora e professora da UFPA, hoje. As experiências acadêmicas na época da graduação, como a participação em eventos científicos e várias publicações ao longo dos anos, fizeram com que eu concluísse a graduação e imediatamente ingressasse no curso de Mestrado em Linguística, na época. E com o mestrado, pude me tornar professora substituta da UFPA, considerado por Regina, um passo importante para seguir a carreira docente no ensino superior. Eu nunca esqueci de suas palavras que diziam que essas experiências poderiam fazer com que eu me tornasse professora da UFPA.

Hoje, cursando doutorado fora do país, vejo que os anos trabalhando com a Prof.^a Dr.^a Regina Cruz, na graduação e no mestrado, me possibilitaram aprender muito sobre a construção da pesquisa científica. Em relatório anual de apreciação sobre o meu desempenho acadêmico no doutorado, a minha orientadora diz que revelo "dominar a metodologia da construção do trabalho científico, assegurando pertinência e qualidade dos resultados da pesquisa". Esse conhecimento foi construído, sem dúvida, pelos momentos de troca e pelo trabalho sério de Regina, comprovados pela sua carreira profissional e acadêmica consolidadas. Eu só tenho a me inspirar e agradecer!" (Helane Fernandes, professora do Campus Universitário do Tocantins/Cametá-Pará, 19/4/2019, 6h30, via e-mail).

Há também cametaenses que resolveram brilhar fora de sua terra natal, como Sebastiana Costa (UFRA), Benedita Borges (SEMEC Tucuruí), Suzana Pinto (UNIFAP), Celso Francês (Campus de Breves/UFPA). Sebastiana Costa, que já deve ter obtido seu título de doutor quando da defesa deste memorial, descreveu com muito carinho nossa relação acadêmico-profissional:

"Regina Cruz é uma incansável professora e pesquisadora, jamais se mostra cansada e desanimada quando se trata do planejamento e concretização de uma aula, ou da tessitura de

um texto, além disso, a afetividade caracteriza sua responsabilidade de acompanhar cada atividade realizada por seus alunos, seja corrigindo cada texto elaborado, acompanhando nossa participação em eventos e até mesmo as provas a serem realizadas. Ela chama atenção quando necessário e aplaudi cada conquista de seus alunos.

Em particular, como aluna da professora Regina e oriunda do Baixo Tocantins, tenho gratidão por toda dedicação que ela direciona ao seu trabalho, pois deu-me a oportunidade de enveredar o caminho de minhas pesquisas na descrição do português falado em minha região de origem. Com isso, ela consegue impulsionar o trabalho de seus orientandos sempre com muito entusiasmo, porque conseguimos perceber sua alegria com as pesquisas concretizadas. Ela é realmente apaixonada pelo que faz e consegue nos entusiasmar por este mundo da ciência, em específico, da descrição do português falado na Amazônia.” (Sebastiana Costa, professora do Curso de Letras da Universidade Federal Rural da Amazônia, 28/4/2019, 11h15, via e-mail).

Impossível não registrar o depoimento de outra ex-aluna e orientanda de mestrado e que hoje é minha colega de equipe de pesquisa, Socorro Campos.

“Primeira vez que entrei em contato com a professora Regina, ainda estava na graduação, fazia parte da turma de Letras Língua Portuguesa/1993, do Campus Universitário do Tocantins/Cametá-Pará. Ela era ainda muito jovem, pesquisadora na área quilombola do baixo Tocantins, inspirava pela sua dedicação e seriedade. Na época, tive a oportunidade de estudar linguística com ela, professora exigente, batalhadora e muito cuidadosa em desenvolver os conceitos científicos, ensinou-nos o processo de comutação e segmentação de línguas hipotéticas, essa aula (dentre outras) ficou marcada na minha compreensão linguística, principalmente na depreensão de afixos e sufixos. Algo que para nós parecia complexo, ela explicava com tanta propriedade. Mais tarde, bem mais tarde, reencontrei-a no Programa de Pós-graduação em Letras/Linguística, no Campus do Guamá, em Belém-Pará, após ter concorrido a uma vaga no Mestrado em Estudos Linguísticos em 2006. Recebeu-me como sua orientanda e me encaminhou na pesquisa das vogais médias, especialmente

no Alçamento Vocálico em posição pretônica no português falado no Município de Mocajuba-Pará, foi um período muito intenso de estudos, pois o Projeto de Descrição Sócio-histórico do Português do Norte do Brasil, estava começando, seguia as orientações do projeto nacional que visava caracterizar as vogais do português brasileiro, numa pesquisa sócio-histórica. Daí então, não perdemos mais o vínculo, embora eu tenha feito doutorado na área de Pragmática, estudando a polidez linguística, ainda realizamos pesquisas juntas, sempre na tentativa de descrever e explicar os fenômenos recorrentes dos falares da Microrregião Cametá. Ela é uma pessoa que está sempre disposta a fazer parcerias e nos proporcionar oportunidades, por isso é tão importante na minha formação e condução a minha carreira estudantil e profissional.” (Benedita Maria do Socorro Campos de Sousa, professora do Campus Universitário do Tocantins/Cametá-Pará, 22/4/2019, 20h01, via e-mail).

A minha produção também tem reflexos desse trabalho colaborativo, publicar em coautoria com um orientando é muito gratificante seja em que nível for. Por essa razão, sempre priorizei na minha profissão as atividades acadêmicas e sempre fugi dos cargos administrativos, por saber que roubam precioso tempo de nossas atividades de pesquisa e orientação. Foi justamente meu trabalho como formadora de recursos humanos em nível superior que uma vez me rendeu uma forma inusitada de ser apresentada: - *Esta é a professora Regina. Ela é a professora das professoras!*¹⁰²

¹⁰² Frase dita pelo filho de uma aluna minha de uma turma de Letras do Fundef que funcionava no município de Breu Branco (PA), quando lá estive pela ministrar a disciplina Sociolinguística, em fevereiro de 2002.

Conclusão do Memorial, mas não da minha vida profissional

Este foi, portanto, o percurso da minha vida profissional. Ao concluir este memorial, percebo que não tinha razão de ter atrasado o pedido de concurso para titular, sob o pretexto de não querer fazer um memorial, mas sim uma nova tese. Ter relutado para escrever este texto pelo simples fato de que não querer tornar público os detalhes da minha vida pessoal diretamente relacionados à vida acadêmica foi mais um complexo eliminado. Confirmo, mais uma vez, que durante a sua escrita foi possível me dar conta de quanto a trajetória da minha vida acadêmica que culminou com esse momento foi linda e da qual só tenho a me orgulhar.

Sempre estive bem acompanhada durante todo esse percurso, por isso quero registrar o meu enorme agradecimento aos(as) meus(minhas) aluno(a)s, meus(minhas) colegas professores(ras), técnicos-administrativos, aos meus familiares e até mesmo àqueles que não foram citados nominalmente neste meu memorial. Sem o apoio e a colaboração de todos jamais teria chegado até aqui

Para a conclusão de todo o dossiê de candidatura da progressão para Titular, contei particularmente com a ajuda de Cláudia Pessoa, aluna do curso de Letras do Programa Nacional de Formação de Professores da

Educação Básica (Parfor/Ufra), que montou o relatório e a tabela de de pontuação, pré-requisito para a defesa deste memorial.

Muitas lembranças vieram enquanto escrevia este documento, mas não me foi possível registrar todas. Não porque eu tenha qualquer vergonha delas, mas porque era importante estabelecer um recorte dos fatos, assim, priorizei aqueles mais fundamentais para a consolidação da minha carreira. Se fosse mencionar as inúmeras participações em eventos científicos (como *keynote*, expositora de trabalho), bancas de avaliação, membro colegiado, todos os trabalhos orientados, cursos ministrados fora do âmbito da UFPA no Brasil e no exterior, me estenderia demais. Apenas tenho a dizer que nestas situações profissionais, conheci pesquisadores de renomada reputação na área, alguns que já conhecia de leitura dos trabalhos, ter dado rosto aqueles nomes foi grandioso.

Foi-me muito dolorido, mas tive que optar em apresentar narrativas da minha trajetória com recortes, mas coesa, com histórias que se entrecruzam de forma harmoniosa. Posso apenas garantir que muitas histórias lindas foram protagonizadas e não foram narradas aqui.

Espero que os fatos narrados sejam suficientes para convencer o leitor de que sou merecedora de atingir a condição de Professor Classe E - Titular, o topo da carreira do magistério no ensino superior. Trabalho na UFPA no regime de Dedicação Exclusiva desde minha efetivação em 1995. São mais de 30 anos somente no ensino superior e, como já descrito, nem todo dia foi meu dia de "princesa do ensino e pesquisa", mas com certeza foi um lugar de aprendizado contínuo e onde obtive minhas maiores conquistas.

Por ter plena consciência de que meu autorreconhecimento não é suficiente, mesclei minha narrativa com depoimento de colegas, ex-alunos,

pares que acabaram se tornando grandes amigos e que me apoiaram durante toda essa trajetória.

Neste momento dou início a novas frentes de atuação, com novos colegas, já que tenho três novos projetos de cooperação que ampliam meu objeto de estudo: os aspectos multimodais da linguagem¹⁰³, a prosódia em Libras¹⁰⁴ e análise acústica de fenômenos de mudança em processo em línguas indígenas¹⁰⁵. Entretanto, sem jamais abandonar minha maior paixão científica, a descrição de variedades regionais do português e suas descrições acústica, prosódica, variacionista.

Este ano passei a integrar o corpo docente do mais novo programa de pós-graduação da região amazônica, o Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Federal do Oeste do Pará¹⁰⁶, como professor permanente. Portanto, agora pertenço a dois programas de pós-graduação localizados na Amazônia paraense.

A primeira seção deste memorial descreveu meu gosto pelos estudos, adoro estudar e por isso dei início recentemente à familiarização de novos experimentos com o estágio de pós-doutoramento sendo realizado no único laboratório de pesquisa da linguagem, do cérebro e do comportamento humano de todo o Norte e Nordeste do Brasil, sediado na UFAL e dirigido por Miguel Oliveira Jr.

Sinto, portanto, que escolhi a profissão certa, uma profissão que me obriga a estar o tempo todo estudando e me atualizando, uma profissão cujo objeto de trabalho melhora e se aprimora com o avançar dos tempos,

¹⁰³ Em colaboração com Raquel Freitag (UFS/CNPq), Thiago Nascimento (UFMG/ICMI), Benedita Borges (PPGL/UFPA).

¹⁰⁴ Em colaboração com Francisca Carvalho (FALE/UFPA).

¹⁰⁵ Em colaboração com Ana Suely Câmara Cabral (UnB/CNPq).

¹⁰⁶ UFOPA.

uma profissão cujo público-alvo oportuniza a juventude eterna no espírito, nas atitudes e na visão de mundo.

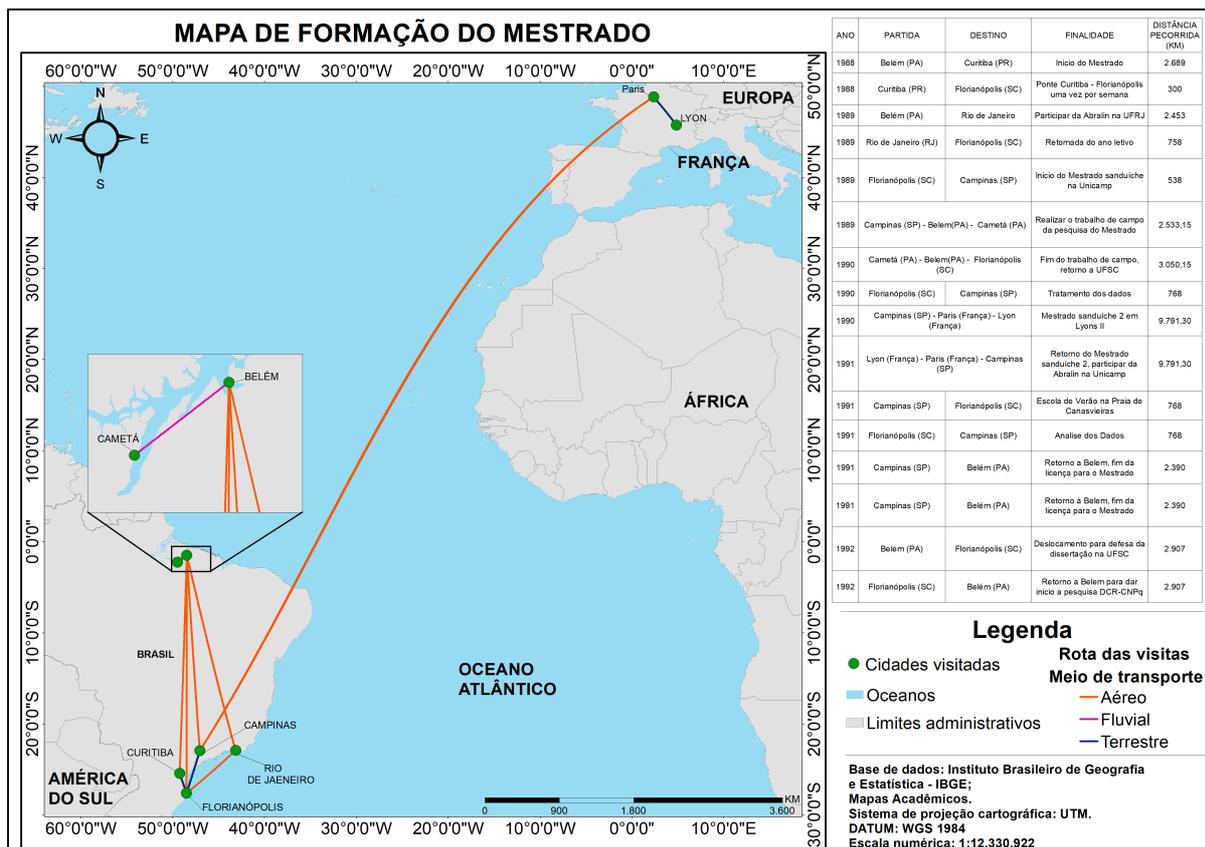
Agradecimentos

Termino este memorial, agradecendo sinceramente à ex-presidenta do Brasil, Dilma Vana Rousseff, por ter sancionado a Lei n. 12.863, de 24 de setembro de 2013, que deu origem às Portarias n. 554, de 20 de junho de 2013, e n. 982, de 3 de outubro de 2013, todas do Ministério da Educação do Brasil.

A Lei 12.863/2013 alterou a legislação de progressão funcional para titular, mantendo o rigor da avaliação, mas simplificou o acesso ao processo de progressão para titular, servindo como mais uma motivação de permanência na carreira docente.

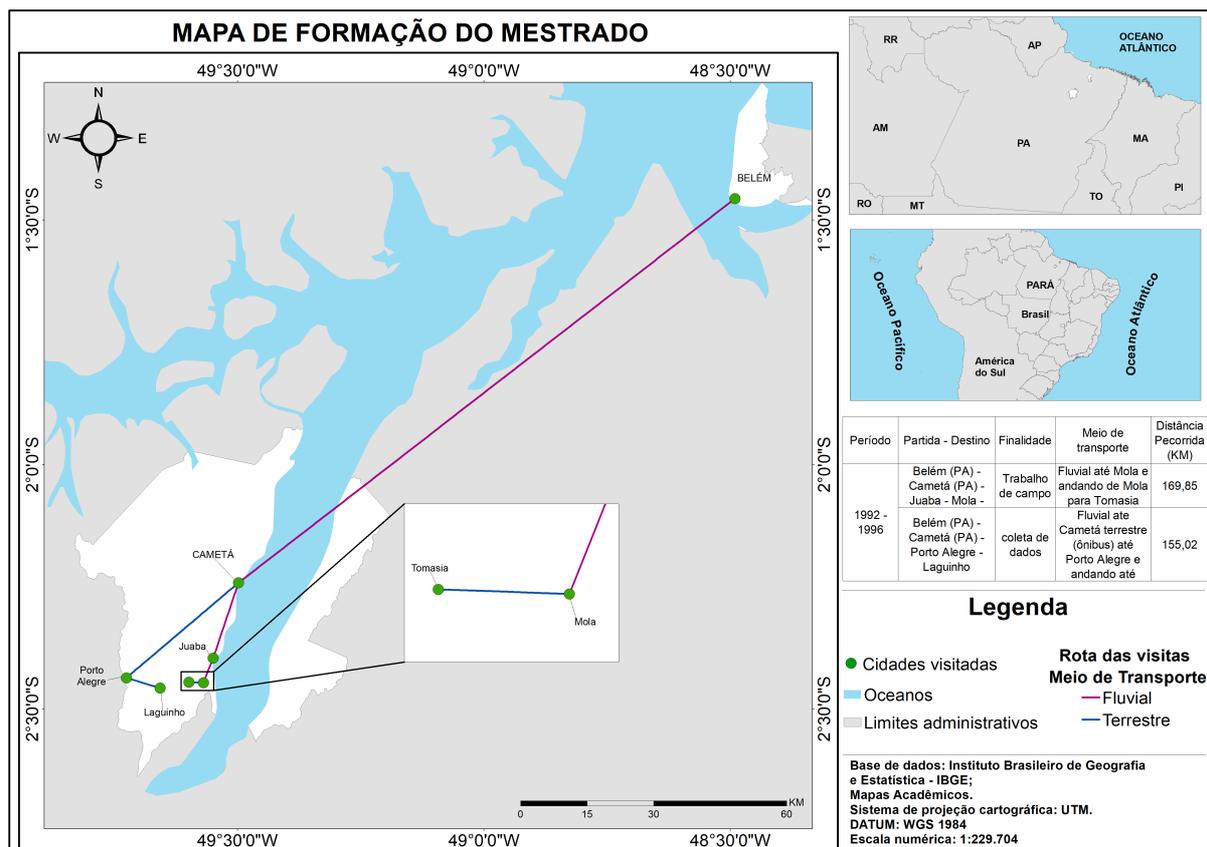
Apêndice

Apêndice A - Mapa 3 - Mapa-síntese da minha trajetória de formação durante o mestrado. Contém as distâncias percorridas no intervalo de tempo de 1988 a 1992.



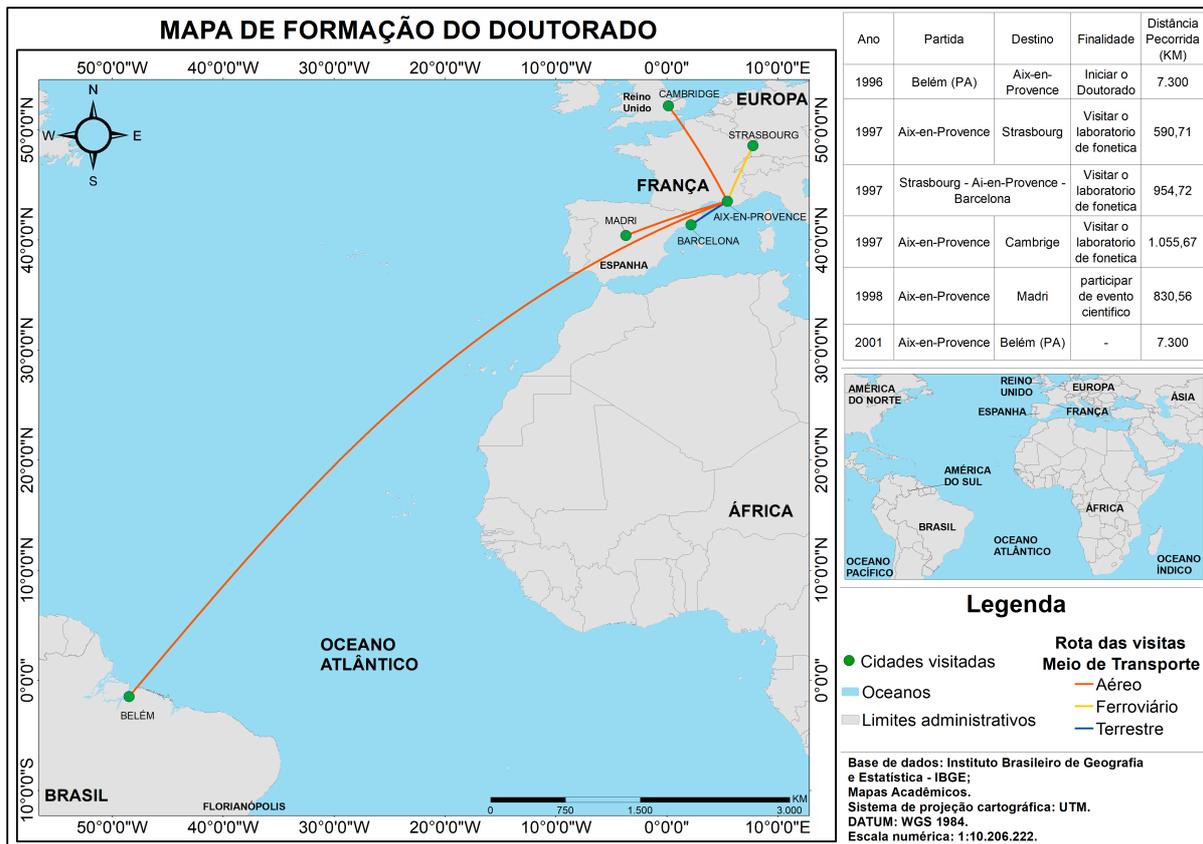
Elaboração: Tamires Oliveira

Apêndice B - Mapa 4 - Mapa-síntese da minha trajetória de trabalho de campo nas comunidades quilombolas de Cameta (PA) durante o período de 1992 a 1996 .



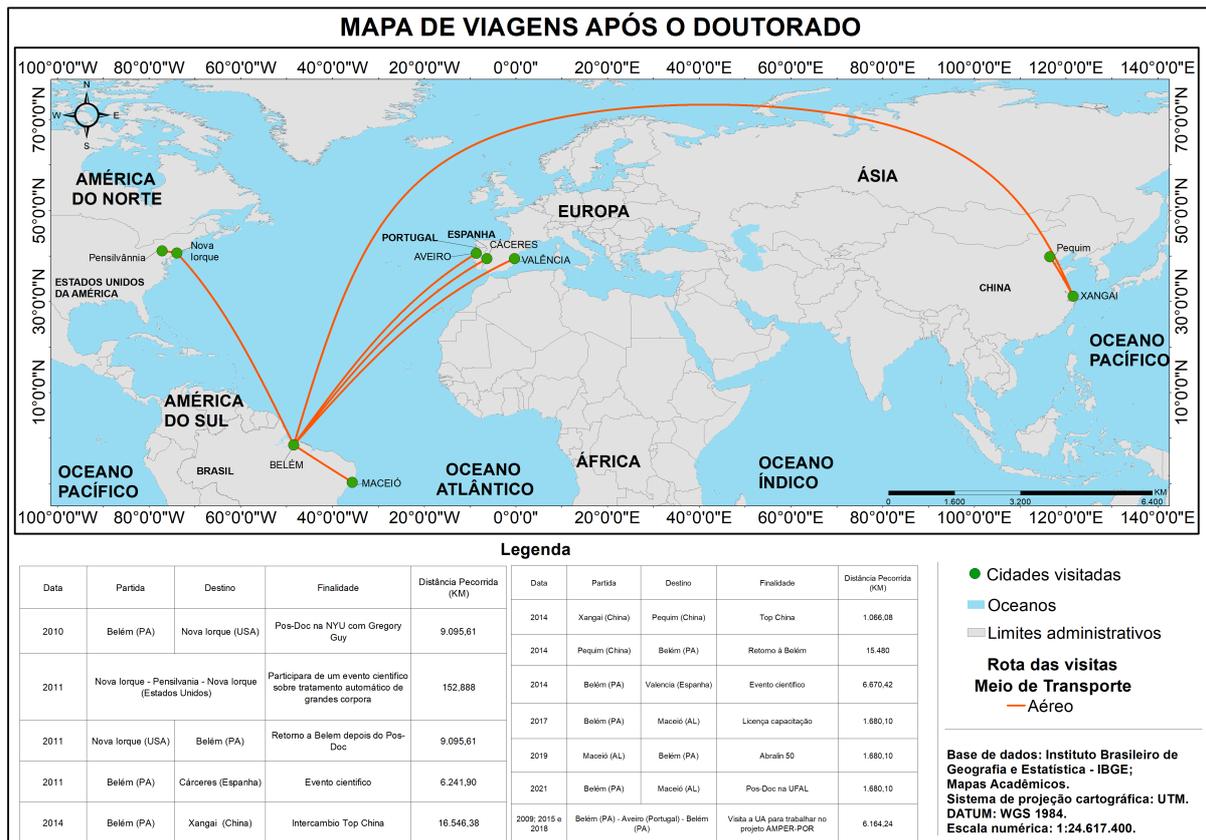
Elaboração: Tamires Oliveira

Apêndice C - Mapa 5 - Mapa-síntese da minha trajetória de formação durante o doutorado. Contém as distâncias percorridas no intervalo de tempo de 1996 a 2001.



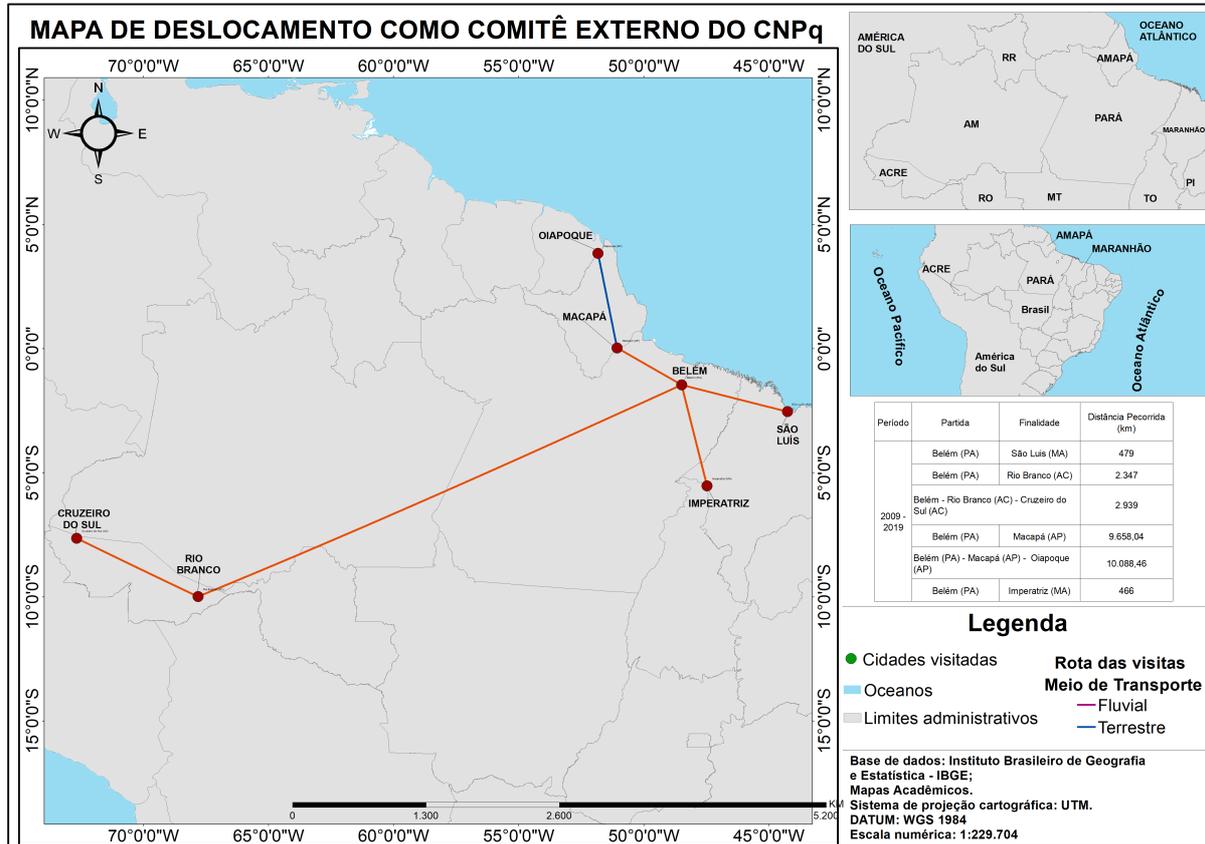
Elaboração: Tamires Oliveira

Apêndice D - Mapa 6 - Mapa-síntese dos meus deslocamentos internacionais após o doutorado. Contém as distâncias percorridas no intervalo de tempo de 2010 a 2019.



Elaboração: Tamires Oliveira

Apêndice E - Mapa 7 - Mapa-síntese dos meus deslocamentos como membro de Comitê Externo do CNPq nas IES da Amazônia. Contém as distâncias percorridas no intervalo de tempo de 2009 a 2019.



Elaboração: Tamires Oliveira

